

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

GISELI CRISTINA DOS PASSOS

**HOMENS (TRANS) DOCENTES: TRANSMASCULINIDADES NA
EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO

**CURITIBA
2019**

GISELI CRISTNA DOS PASSOS

**HOMENS (TRANS) DOCENTES: TRANSMASCULINIDADES NA
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Tecnologia e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Lindamir Salette Casagrande

CURITIBA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Passos, Giseli Cristina dos
Homens (trans) [recurso eletrônico] : transmasculinidades na
educação / Giseli Cristina dos Passos.-- 2019.
1 arquivo texto (91 f.): PDF; 900 KB.

Modo de acesso: World Wide Web
Título extraído da tela de título (visualizado em 11 jul. 2019)
Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do
Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade,
Curitiba, 2019
Bibliografia: f. 80-86

1. Tecnologia - Dissertações. 2. Professores transgênero. 3.
Identidade de gênero na educação. 4. Identidade de gênero. 5. Pessoas
transgênero - Identidade. 6. Teoria Queer. 7. Homens - Psicologia. 8.
Homens transgênero. 9. Pessoas transgênero. I. Casagrande, Lindamir
Saete. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de
Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 23 – 600

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba
Bibliotecário: Adriano Lopes CRB-9/1429

TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 554

A Dissertação de Mestrado intitulada **Homens (Trans) Docentes: Transmasculinidades na Educação** defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) **Giseli Cristina Dos Passos** no dia **10 de junho de 2019**, foi julgada aprovada em sua forma final para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Trabalho, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Prof^a. Dr^a. Lindamir Salete Casagrande - (UTFPR) - *Orientadora*

Prof^a. Dr^a. Nanci Stancki da Luz - (UTFPR)

Prof^a. Dr^a. Dayana Brunetto Carlin dos Santos - (UFPR)

Prof^a. Dr^a. Megg Rayara Gomes de Oliveira - (UFPR)

Curitiba, **10 de junho de 2019**.

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.



Às/aos minhas/meus queridas/os alunas/os que me ensinam o tempo todo que a educação é uma constante arte de aprender e ensinar.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido força para chegar até aqui.

À Nossa Senhora Aparecida e São Jorge/Ogum por sempre abrirem meus caminhos e me protegerem

À minha querida e amada esposa Gesiele por todo amor e paciência dedicados a mim. Amo muito você!

À minha mãe Neide e a meu filho Miguel. Sei que não estive tão presente como gostaria, mas mesmo assim sinto o amor incondicional que vem de vocês. Obrigada por ser amada.

Aos meus amigos Marcelo, Camila e André pela paciência de me ouvirem falar muito sobre este trabalho e contribuírem com ele.

À professora Lindamir, pelas orientações, conselhos e paciência. Professora sou muito grata por acreditar em mim.

Às professoras Simone Ávila, Marinês Ribeiro dos Santos, Dayana Brunetto Carlin dos Santos, Megg Rayara Gomes de Oliveira e Nanci Stancki da Luz por todas as contribuições seja na qualificação ou defesa. Este trabalho certamente tem muito de vocês.

Aos professores, que aceitaram participar deste trabalho e compartilhar comigo uma parte de suas vidas. Sem vocês nada disso seria possível. Muitíssimo obrigada!

Às/aos minhas/meus colegas e amigas/os do Colégio Estadual Luiz Sebastião Baldo e Colégio Estadual Alfredo Chaves pelo incentivo e força que tantas vezes me deram para concluir este processo, quando o poder institucional colocava empecilhos para sua conclusão.

Às/aos minhas/meus amigas/os e colegas do PPGTE e GETEC por tantos conhecimentos trocados.

Às/aos professoras/es do PPGTE e GETEC, pelos conhecimentos compartilhados comigo.

A todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso e me ajudaram a acreditar em mim eu quero deixar um agradecimento eterno. Obrigada.

Quando dou conta de mim mesmo em um discurso, as palavras nunca expressam ou contem plenamente este eu vivente. Minhas palavras desaparecem logo que as pronuncio interrompidas pelo tempo de um discurso que não é o mesmo que o tempo de minha vida. Essa “interrupção” recusa a ideia de que o dito se funda somente em mim, dado que as estruturas indiferentes que permitem o meu viver pertencem a uma sociedade que me excede.

(Judith Butler, 2009, p.55, grifos da autora)

RESUMO

PASSOS, Giseli Cristina dos. **Homens (Trans):** transmasculinidades na educação. 2019. 90f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Trabalho) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

No Brasil não há um levantamento aprofundado sobre a população transmasculina, o reconhecimento das identidades de gênero desses sujeitos, a invisibilidade social e política enfrentada por eles, bem como sobre as múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é investigar como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência identificando tabus, desafios, obstáculos, enfrentamentos, resistência e conquistas que permeiam suas trajetórias profissionais. Para tanto foram feitas 7 (sete) entrevistas semiestruturadas, *online* e via *WhatsApp*, com homens (trans) docentes de diversas cidades do país e posterior análise de conteúdo. Procurou-se reconhecer as identidades de gênero desses sujeitos e suas performances neste contexto e registrar as múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente enquanto educadores. Observa-se que os desafios enfrentados pelos discentes transexuais são os mesmos enfrentados pelos discentes transexuais, sejam eles homens ou mulheres, a exemplo, uso do nome social, o correto tratamento de gênero, o uso do banheiro e acresce-se a questão da exposição sem consentimento que muitos homens (trans) passam em seus ambientes de trabalho o que faz com que muitos, no fim, optam pela invisibilidade dada a eles por condições hormonais, alterações corporais e retificação de documentação.

Palavras-chave: Homens (trans). Transmasculinidades. Educação. Docentes. Trabalho.

ABSTRACT

PASSOS, Giseli Cristina dos. Men (Trans): transmasculinities in education. 2019. 90f. Dissertation (Master in Technology and Work) - Postgraduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Curitiba, Brazil, 2019.

In Brazil there is no deep survey of the transmasculine population, the recognition of the gender identities of these subjects, the social and political invisibility they face, as well as the multiple forms and expressions of violence that affect them daily. In this context, the objective of this research is to investigate how the insertion and permanence of men (trans) in teaching identify taboos, challenges, obstacles, confrontations, resistance and achievements that permeate their professional trajectories. For this purpose, 7 (seven) semi-structured interviews, both online and via WhatsApp, were carried out with men (trans) teachers from different cities of the country and later content analysis. It was sought to recognize the gender identities of these subjects and their performances in this context and record the multiple forms and expressions of violence that affect them daily as educators. It is observed that the challenges faced by the transsexual students are the same ones faced by the transsexual students, be they men or women, for example, use of the social name, correct treatment of gender, the use of the bathroom and the issue of exposure without the consent that many (trans) men spend in their work environments, which means that many, in the end, opt for the invisibility given to them by hormonal conditions, bodily alterations and rectification of documentation.

Keywords: Men (trans). Transmasculinities. Education. Teachers.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

- ABHT**.....Associação Brasileira de Homens Trans
- CFM**.....Conselho Federal de Medicina
- CNCD**.....Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos Lésbicos, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
- FTM**.....*Female-to-Male* ou Feminino para o Masculino
- IBRAT**.....Instituto Brasileiro de Transmasculinidade
- IBTE**.....Instituto Brasileiro Trans de Educação
- LGBT**.....Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
- NAHT**.....Núcleo de Apoio a Homens Trans
- ONU**.....Organização das Nações Unidas
- SUS**.....Sistema Único de Saúde
- TCLE**.....Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TRANS EDUC**.....Rede Trans de Educação
- UFSC**.....Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 PARA UM ENTENDIMENTO SOBRE TRANSEXUALIDADE E O AMBIENTE ESCOLAR	15
2.1 UM BREVE DEVIR SÓCIO-HISTÓRICO DA TRANSEXUALIDADE	15
2.2 TEORIA TRANS E TECNOLOGIA	19
2.3 TECNOTESTO: TECNOLOGIA DA TRANSMASCULINIDADE	22
2.4 TRANSEXUALIDADE DISCENTE: ABJEÇÃO E PERTURBAÇÃO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	29
2.5 TRANSEXUALIDADE DOCENTE FEMININA: SINAIS DE FISSURA NA HETERONORMATIVIDADE.....	33
2.6 TRANSEXUALIDADE DOCENTE MASCULINA: DA ABJEÇÃO A TRANSMASCULINIDADE NA EDUCAÇÃO.....	35
3 METODOLOGIA	38
3.1 POR ONDE E COMO ANDEI.....	38
3.2 QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	42
4 UNIVERSO TRANSMASCULINO: A CONSTITUIÇÃO DE SÍ, FORMAÇÃO E DOCÊNCIA	45
4.1 LÉSBICAS MASCULINIZADAS E HOMENS (TRANS).....	45
4.2 PANÓPTICO INGERÍVEL E A FABRICAÇÃO DOS CORPOS	47
4.3 <i>PASSING</i> : QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA E TODO MUNDO PASSA POR ..	49
4.4 PROFESSORES (TRANS) E SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	51
4.5 HOMENS (TRANS) E O MUNDO DO TRABALHO.....	53
4. 6 SALA DE AULA E A MASCULINIDADE: POR QUE SER PROFESSOR?.....	56
4.7 OBSTÁCULOS E DESAFIOS NA DOCÊNCIA DE HOMENS (TRANS)	61
4.7.1 Inserção na Carreira.....	61
4.7.2 Carreira	64
4.8 PROFESSORES (TRANS) E O CORPO DISCENTE	68
4. 9 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES (TRANS): DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	89

1. INTRODUÇÃO

Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?

(Donna Haraway)

Toda análise resultante de um trabalho de pesquisa gera produção de conhecimento. Todo conhecimento é produzido por alguém, este alguém pode ser entendido como inserido no meio social e não aquém deste ambiente. Donna Haraway (1995, p. 24) nos alerta para os perigos do relativismo que a autora entende como o “perfeito gêmeo invertido da totalização” e aponta que a “alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia” (HARAWAY, 1995, p. 23). Assim qual o lugar da minha visão? Do meu ponto de vista?

Djamila Ribeiro (2017, s.p.) problematiza como “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. Neste sentido, todos os conhecimentos são situados, social e historicamente e, portanto, parciais: “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo.” (RIBEIRO, 2017, s.p.) Há um *lócus* social que deve ser levado em conta, não como baliza para conceder ou não a autorização de fala, mas sim para entender qual o lugar de onde falamos e de onde olhamos para o mundo para então intervir nele eticamente.

Como ser mulher, cis, branca, professora, mãe, esposa, lésbica e pesquisadora interfere na minha descoberta, construção e organização de informações? Pensar sobre isso produziu um deslocamento e a percepção de que quem eu sou, obviamente, interfere no meu modo de pensar e que o meu saber é parcial e localizado. Mais interessante ainda, propiciou o entendimento de que o sujeito do meu conhecimento deve ser visto como uma atriz/ator e agente que vive, assim como eu, as relações entre saber, poder e verdade da contemporaneidade.

No Brasil não há um levantamento aprofundado sobre a população transmasculina, o reconhecimento das identidades de gênero desses sujeitos, a invisibilidade social e política enfrentada por eles, bem como sobre as múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente. Neste contexto, a proposta desta pesquisa consiste em investigar como se dá a inserção e permanência de homens(trans)¹ na docência identificando tabus, desafios, obstáculos, enfrentamentos, resistência e conquistas que permeiam suas trajetórias profissionais.

Os homens (trans) sofrem com a angústia de serem tantas vezes considerados lésbicas masculinizadas, mesmo reivindicando o reconhecimento como membros do gênero com o qual se identificam. Berenice Bento (2006, p. 209) afirma que: “conseguem nomear; situar o que sentem; entender que não são os únicos com aqueles conflitos e, principalmente, que não são gays, travestis ou lésbicas.” Ser transexual oferece uma posição identitária que dá um sentido a suas vidas.

Compreender os processos de produção do corpo e dos gêneros dialoga com a teoria *queer*, mais especificamente com o conceito de performatividade proposto por Judith Butler (2000, p. 154), que pode ser compreendido “(...) não como um ato singular ou deliberado, mas ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Assim para melhor compreender os processos de produção do sexo e do gênero² dos corpos

¹Utilizo a nomenclatura defendida por André Lucas Guerreiro Oliveira em sua dissertação de mestrado “*Somos Quem Podemos Ser*”: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. Portanto, ao me referir aos homens (trans) estou discorrendo sobre pessoas que foram designadas como mulheres no momento de seu nascimento, por possuírem a genitália marcada como feminina (vagina) e que por qualquer motivo, em algum momento de suas vidas, passaram a se reconhecer como pertencentes ao gênero masculino, logo homens. Deste modo, seguindo a linha de pensamento de Oliveira (2015) e Flávia Teixeira (2013) de que pessoas transexuais reivindicam a *priori* serem reconhecidas como pessoas, e que o termo, oriundo de discurso médico, não se sobrepõe ao gênero reivindicado por eles usarei, nesta dissertação, o termo homem (trans).

² Para Sara Salih (2015, p.111, grifos da autora) “teorizar o sexo em termos de interpelação, como faz Butler, implica que parte do corpo (particularmente o pênis e a vagina) não estão simples e naturalmente ‘aí’, do nascimento em diante, mas que o sexo é performativamente constituído.” Assim para Salih: (2015, p. 67, grifos da autora) “o gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos”, e não algo que ‘somos’.” Para saber mais ler *Bodies That Matter* (1993) e *Sex and Gender in Simone de Beauvoir’s Second Sex* (1986) ambos de Butler.

transexuais, é importante também considerar as tecnologias do gênero abordadas nas obras de Teresa de Lauretis (1994) e Paul Beatriz Preciado³ (2018).

De acordo com Michel Foucault (2004, p. 120) “Vivemos, de fato, em um mundo legal, social, institucional no qual as únicas relações possíveis são muito pouco numerosas, extremamente esquematizadas, extremamente pobres”. Assim estudar a visibilidade e o acesso limitado e/ou negado a homens (trans) na educação como professores, não significa entender a identidade e diferença como um dado natural, estável, fixo, imutável e a-histórico (SILVA, 2005), mas sim compreendê-la como construção social e cultural inscrita em processos linguísticos-discursivos e significada nas relações de poder como aponta Tomaz Tadeu da Silva (2005). Nesta pesquisa buscamos respostas para a seguinte pergunta: Como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência? Para tal construímos os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

- Investigar como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar tabus, desafios, obstáculos, enfrentamentos, resistências e conquistas que permeiam as trajetórias profissionais dos homens(trans) docentes;
- Elencar algumas das múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente, destacando suas experiências e narrativas.

Esta dissertação é composta por 5 capítulos sendo o primeiro esta introdução. O segundo capítulo, intitulado *Para um Entendimento Sobre Transexualidade e o Ambiente Escolar*, teve como intuito mostrar que os

³ Paul Beatriz Preciado filósofo feminista espanhol, nascido Beatriz Preciado tem importantes debates nas áreas da teoria queer e dos estudos de gênero.

entendimentos sobre sexo e gênero são fruto de um devir sócio histórico em constante modificação. Pretendeu também demonstrar o gênero tem uma relação intrínseca com discursos e tecnologias que incidirão nos corpos. Foi feita uma revisão bibliográfica, com o propósito de analisar como se dá a experiência dos transexuais como discentes e docentes, a fim de marcar semelhanças e diferenças no que diz respeito a estudantes, professoras e professores transexuais.

No terceiro capítulo, *Metodologia*, buscou-se explicitar como foi realizada a pesquisa. Como foram os caminhos e atalhos percorridos a fim de encontrar os sujeitos participantes da pesquisa e, quando por fim foram encontrados quais foram os passos para atingir os objetivos elencados. Em sequência foi feita uma análise do perfil dos professores (trans) participantes dessa pesquisa.

No quarto capítulo, *Universo Transmasculino: A Constituição de Si, Formação e Docência*, foi analisado o primeiro contato dos homens(trans) entrevistados com o termo transexualidade masculina, a alteração que alguns procuram em relação a seus corpos, a passabilidade e suas implicações. Como se deu o processo escolar até a entrada no mercado de trabalho desses homens para por fim abordar relação deles com a docência desde a motivação para escolha da profissão, passando pelos obstáculos e desafios encontrados por eles, até as práticas pedagógicas exercidas por esses docentes. Por fim, fecho o trabalho trazendo as considerações finais com os resultados alcançados na pesquisa. Refletindo sobre a importância desta pesquisa para área a qual está inserida e - e sugiro estudos sobre o universo transmasculinos que ainda estão carentes de atenção e de pesquisa.

2. PARA UM ENTENDIMENTO SOBRE TRANSEXUALIDADE E O AMBIENTE ESCOLAR

Este capítulo procura mostrar que os entendimentos sobre sexo e gênero são fruto de um devir sócio histórico em constante modificação. Pretende-se também demonstrar que a invenção do gênero tem uma relação intrínseca com discursos e tecnologias que incidirão nos corpos, tomando a experiência transexual e, mais propriamente, transmasculina. Foi feita uma revisão bibliográfica, com o propósito de analisar como se dá a experiência dos transexuais como discentes e docentes, a fim de marcar semelhanças e diferenças no que diz respeito a estudantes, professoras e professores transexuais. O objetivo desta seção não é esgotar a temática e sim apontar os caminhos percorridos para inserção e construção da transexualidade na contemporaneidade ocidental.

2.1 UM BREVE DEVIR⁴ SÓCIO-HISTÓRICO DA TRANSEXUALIDADE

“[...] uma criatura recente que a demiurgia do saber fabricou com suas mãos há menos de 200 anos [...] envelheceu tão depressa que facilmente se imaginou que ele esperara na sombra, durante milênios, o momento de iluminação em que seria enfim conhecido.”
(Michel Foucault)

Para Michel Foucault (1987) o ser humano nada mais é que uma invenção recente em vias de desaparecer. Seu nascimento teve data marcada, no limiar do século XIX, sendo este apenas um fruto do pensamento moderno, um devir sócio-histórico, surgido do esgotamento das representações dando lugar a uma nova episteme⁵ de investigação. Pensar o gênero anterior a este período pode ser mesmo

⁴ Para Hilton Japiassú e Danilo Marcondes (2001) devir do latim *devenire*: chegar. Conforme Heráclito, para quem tudo que existe é conduzido pelo fluxo do devir: nada é, tudo flui, o devir universal é a lei do universo.

⁵ Para Hilton Japiassú e Danilo Marcondes (2001) o termo grego *episteme*, que significa ciência, por oposição a *doxa* (opinião) e a *techné* (arte, habilidade) foi reintroduzido na linguagem filosófica por Michel Foucault com um sentido novo, para designar o “espaço” historicamente situado.

uma confusão entre os termos sexo e gênero. Para Thomas Laqueur (2001) até o Renascimento havia um sexo único e dois sexos sociais, sendo as mulheres consideradas homens invertidos ou uma versão imperfeita dos homens, com pênis invertidos.

Thomas Laqueur (2001) afirma ainda que até a Renascença pessoas hermafroditas⁶ eram considerados homens se pudessem engravidar mulheres e consideradas mulheres se tivessem o comportamento passivo⁷. Foucault em *Herculine de Barbin* (1983) sugere uma explicação que na Renascença, e em uma época anterior, Idade Média, não havia um sexo único e verdadeiro, e que o ser humano nascido hermafrodita tinha dois sexos entre os quais (ele/ela) podia fazer uma escolha social e jurídica. Para Laqueur (2001) entretanto Foucault (1983) talvez seja utópico na sua afirmação; pois a escolha do gênero não ficava tanto a critério pessoal e não havia liberdade para se mudar no meio do caminho.

Tanto para Laqueur (2001) como para Foucault (1983) não havia um sexo verdadeiro e essencial que diferenciava o homem cultural da mulher, mas não havia tampouco dois sexos justapostos em várias proporções: havia apenas um sexo, cujos exemplares mais perfeitos eram facilmente julgados masculinos no nascimento, e os menos perfeitos rotulados de femininos e as punições para as transgressões eram severas. É apenas no século XVIII, por questões científicas e políticas, que os sexos que nós conhecemos foram inventados e os órgãos reprodutivos passaram a ser consideradas como fundamento das diferenças. Para Laqueur (2001, p.192): “Dois sexos incomensuráveis eram e são, tanto os produtos da cultura como era e é o modelo de sexo único. Na verdade, uma estrutura onde o natural e o social podiam ser claramente distinguidos entrou em ação.”

Segundo Laqueur (2001), em algum momento do século XVIII, passa-se a considerar a existência de um modelo de dois sexos, contrariamente à percepção herdada dos gregos de que haveria apenas um sexo biológico. No século XIX não ter útero passou a definir o homem, e não ter pênis passou a definir a mulher. Para

⁶ Termo adequado é intersexo utilizado para um grupo de variações congênitas de anatomia sexual ou reprodutiva que não encaixam perfeitamente nas definições de “sexo masculino” ou “sexo feminino”. Disponível em: orientando.org. Acesso em 05/07/2019.

⁷ Na obra de Laqueur (2001) o papel passivo, evidenciado até a Renascença, da mulher se refletiria no corpo predestinado a gestação, nascimento e maternidade, ao qual, não havia necessidade de atividade ou prazer durante o ato sexual para procriação.

Foucault (1988) por uma série de alterações nos sistemas de organização e produção de forças. Através de uma difusão de regimes de verdade e olhares sobre o sujeito, a sexualidade torna-se um dispositivo de controle de corpos, de modos de existência e de populações. Ao falar sobre o dispositivo, Foucault aponta:

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 1979, p. 244).

Assim, a naturalização radical, ou seja, a redução da mulher e do homem a órgãos que, pela primeira vez, marcavam uma diferença entre os sexos e, supostamente, produziam uma performance, gera o que Butler (2010, p. 38, grifos da autora) chama de gêneros “inteligíveis” que são para a autora:

[...] aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas casuais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.

Neste sentido, para a autora, o gênero é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero, não havendo identidade de gênero por trás das expressões de gênero. Essa identidade é performativa e performativamente constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados. A transexualidade, para Bento (2008), seria um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo.

Bento (2008) afirma que o sistema binário (masculino *versus* feminino) produz e reproduz a ideia de que gênero reflete, espelha o sexo, sendo a

transexualidade uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero. Por estas convenções, o único lugar habitável para o feminino é em corpos de mulheres, e para o masculino, em corpos de homens, condicionando masculinidades e feminilidades a órgãos genitais.

Porém Bento (2008), lembra a necessidade de reiteração dessas normas de gênero através das práticas, sendo que os gêneros inteligíveis devem obedecer a seguinte lógica: vagina-mulher-feminino *versus* pênis-homem-masculino, excluindo-se da categoria humano as pessoas que reconstróem suas posições identitárias numa perspectiva distinta. Assim para Bento (2008) é no século XX que se impõe a necessidade de mudanças corporais a fim de assegurar a prática heterossexual, chamada por ela de dispositivo da transexualidade:

[...] as mudanças corporais seriam para assegurar a prática da heterossexualidade. Por mais que se tente afirmar que o conflito identitário da transexualidade reside no gênero e não fundamentalmente na sexualidade, o dispositivo lerá esta queixa da seguinte forma: se ele/a mudou de gênero é necessário reconstruir as genitálias para que recupere a unidade entre corpo/gênero/sexualidade. Lembro-me que um dia comentei para uma psicóloga que há pessoas transexuais que se definem como gays e lésbicas. Ela parou e me olhou com olhos descrentes: “Isso é impossível! Que aberração!” (BENTO, 2006, s.p., grifos da autora)

Para a autora, a origem da transexualidade residiria em dois núcleos, um de caráter biologizante e outro psicanalítico remontando ao endocrinologista Harry Benjamin e ao psicanalista freudiano Robert Stoller. Porém, como cita Paul Beatriz Preciado (2018), é importante lembrar também dos estudos de John Money, psicólogo infantil, que em 1955, seria o primeiro a usar a categoria gramatical de gênero, como ferramenta clínica e de diagnóstico em bebês intersexuais. Todos os trabalhos foram desenvolvidos em solo estadunidense. Nas palavras do autor:

Quando usou a palavra gênero para definir um “papel social” ou “identidade psicológica”, pensava essencialmente na possibilidade da utilização de tecnologias (de hormônios a técnicas sociais, como aquelas empregadas em instituições administrativas e pedagógicas) para modificar o corpo ou produzir intencionalmente subjetividade a

fim de conformá-lo a uma ordem visual e biopolítica⁸ preexistente, que foi prescrita para o que se supunha ser um corpo humano feminino ou masculino. (PRECIADO, 2018, p. 110, grifo do autor)

Desta forma, o discurso privilegiado, mas não único, sobre os “verdadeiros” homens ou mulheres e as questões relativas aos limites entre o masculino e feminino, encontrava-se nas mãos da ciência.

2.2 TEORIA TRANS E TECNOLOGIA⁹

“Afim, quando nossos gêneros sentem-se dispostos a mudar, nossos corpos também mudam.”
(Jorge Leite Jr., 2008, p.216)

O século XX testemunha o surgimento da categoria gênero que para Teresa de Lauretis nada mais é que um “produto e processo de certo número de tecnologias sociais e aparatos biomédicos” (1987, p. 208). Para esta autora a construção de gênero ocorre através de várias tecnologias de gênero e discursos institucionais que ditam quais seriam os verdadeiros representantes do gênero.

De forma intencional, em 1953, Harry Benjamin, desenvolve formas de tratamento específicas para os transexuais. Para este médico endocrinologista o sexo era determinado no momento da concepção. Assim ele recomendava a cirurgia para adequação do corpo a uma imagem ansiada fruto de um distúrbio sem cura. Para o autor Jorge Leite Junior (2008) Benjamin cria um “tipo ideal” de transexual, o “verdadeiro”. Este transexual se consideraria preso em um corpo errado, odiando suas genitais e com urgente necessidade de alterar o corpo fruto de uma infelicidade quanto a sua essência. “Em 1969 cria-se a Harry Benjamin Association,

⁸ Foucault (1999) discorre sobre a “biopolítica” como uma série de tecnologias de poder para governo e controle da vida das populações: produção e delimitação dos modos de existir. A biopolítica, através de normas, determina lugares e modos de funcionamento dos grupos e populações; ao mesmo tempo, Foucault (1988) aponta uma anatomo-política que dociliza os corpos, tornando-os úteis e previsíveis. Para o autor, a composição dessas estratégias de controle é chamada de biopoder – poder sobre a vida.

organizadora de Normas de Tratamento para o acompanhamento médico de transexuais em quase todo o Ocidente até os dias de hoje” (LEITE JUNIOR, 2008, p.149)

Em 1955, John Money afirmava que a identidade sexual era moldada até os 18 meses de vida. Ele fundou em 1966 uma clínica de identidade de gênero, junto ao Johns Hopkins Hospital, em Maryland, nos EUA, e em 1973, junto com Norman Fisk e Donald Laub, criaram o termo disforia de gênero¹⁰. Para Preciado (2018, p. 123-124) isto significaria um caminho sem volta, pois:

Money é para a história da sexualidade o que Hegel é para a história da filosofia e Einstein é para a concepção do espaço- tempo. É o começo do fim, a explosão do sexo-natureza, da natureza-história, do tempo e do espaço como linearidade e extensão. Com a noção de gênero, o discurso médico deixa à mostra suas fundações arbitrárias e seu caráter construtivista, ao mesmo tempo abrindo caminho para novas formas de resistência e de ação política.

Finalmente, em 1964, Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista americano, cria o conceito de “identidade de gênero”, como um comportamento psicologicamente motivado, fixado em torno de dois ou três anos, afirmando que sexo e gênero não estavam, necessariamente, de maneira direta, relacionados. Em 1968, lança um livro *Sexo e Gênero*, por meio da qual agora procurava o “verdadeiro” gênero. Para o autor Leite Junior (2008) o trabalho de Stoller será importante para futuras análises de separação entre gênero e sexualidade.

Percebe-se então a busca incessante pela verdade, seja pela medicina ou psiquiatria, a busca por essa verdade será a busca pelo exercício de um poder legítimo. Desta forma o autor Leite Junior (2008, p. 153) relata:

[...] o processo de naturalização de diferenças ou igualdades conceitualmente criadas encobre as relações de poder que organizam estas noções, pois classificar pessoas de acordo com a genital ou suas representações psíquicas pode revelar-se talvez tão arbitrária quanto classificar seres humanos por tipo de cabelo, cor de pele ou dos olhos,

¹⁰ Significando mal-estar, incômodo com o próprio gênero, sendo a disforia o oposto da euforia.

afinal, todos estes elementos também são variantes “fisiológicas”. (LEITE JUNIOR, 2008. p. 175, grifo do autor)

Porém, é sob esta lógica de verdade e poder que se desenvolve a categoria científica da transexualidade. Para Jorge Leite Junior (2008, p.176, grifos do autor) “a busca pelas “verdadeiras” pessoas transexuais revela, por oposição, a fragilidade e os constantes esforços necessários para se manter um padrão ideal de pessoas “normais”, sem desvios.”

Num regime de biopoder a regulação estará na vida da população e o poder torna-se, conforme Preciado (2018), uma força de “somatopoder”, ou seja, não mais fora do corpo, mas sim fazendo parte dele. Para este autor o pós Segunda Guerra Mundial verá um terceiro tipo de capitalismo, marcado por uma nova gestão política, técnica do corpo, do sexo e da sexualidade.

É neste ambiente que, informa o autor, cirurgias estéticas se convertem pela primeira vez em técnicas de consumo de massas. Em 1953 o soldado americano George W. Jorgensen passa pelo processo de transexualização e assume o nome Christine, convertendo-se no primeiro transexual midiaticizado, ou seja, seu caso tem ampla divulgação e alcance. Em 1958, na Rússia se faz à primeira faloplastia (construção de um pênis a partir de um músculo do braço), como parte de um processo de transgenitalização¹¹. Para Preciado (2018, p. 37):

A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidade tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos por multinacionais farmacêuticas.

Ainda de acordo com Preciado (2018) esta nova episteme pode ser chamada de farmacopornográfica, pois transformações recentes impuseram um

¹¹ Conforme Ávila a primeira faloplastia aconteceu em 1945 em Michael Dillon, na Inglaterra e foi realizada por Sir Harold Gillies e Ralph Millard.

conjunto de dispositivos microprotéticos¹² de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares (fármaco - exemplo: pílula anticoncepcional e testosterona) e semiótico-técnico (pornô - exemplo: Revista Playboy).

É neste período que a busca pelo dimorfismo sexual¹³, resultará em construções artificiais utilizando técnicas cirúrgicas, hormonais e protéticas. Assim, para Donna Haraway (2000), somos todos ciborgues¹⁴ cheios de intervenções artificiais num organismo que desde sua nascença deixou de ser totalmente natural, pois, de acordo com Silva (2000, p. 12, grifos do autor) “[...] implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos ‘artificiais’. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos,” fazem parte dos corpos humanos tornando-os ciborgues.

2.3 TECNOTESTO: TECNOLOGIA DA TRANSMASCULINIDADE¹⁵

No século XX Benjamin, assim como a maioria dos estudiosos/as sobre o tema da transexualidade acreditavam que os casos em mulheres cis¹⁶ eram raros, pois a maioria das mulheres masculinizadas eram compreendidas como um ponto extremo da homossexualidade feminina apenas (LEITE JUNIOR, 2008). Mais de um século se passou e ainda é possível destacar como homens (trans) sofrem com a angústia de serem tantas vezes considerados lésbicas masculinizadas, Isto

¹² Para Preciado (2018) na sociedade farmacopornográfica o modelo de ação sobre o corpo e a microprotética: o poder atua através de uma molécula que vem fazer parte do nosso sistema imunológico, exemplo os hormônios e suas ações sobre a fome, sono, excitação sexual, agressividade ou decodificação social de nossa feminilidade e masculinidade.

¹³ Segundo Laqueur (2001) modelo de dois sexos institui-se uma diferença radical entre homens e mulheres.

¹⁴ Ciborgue, conforme Haraway, é um híbrido de máquina e organismo.

¹⁵ O título faz menção a obra de Marie-Hélène Bourcier “Technotesto: biopolitiques des masculinités tr(a)ns hommes”. Cahiers Du Genre, n. 45, p. 59-84, jul/dez.. 2008.

¹⁶ Cis é a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado em seu nascimento. Cis vem do latim e significa “deste lado”

acontece quando reivindicam o reconhecimento como membros do gênero com o qual se identificam e o qual estaria em discordância com as suas genitálias, levando em consideração a lógica dos gêneros inteligíveis de Butler (2010).

Para Marie-Hélène Bourcier (2008) o pós anos 90 marca um renascimento tecnológico: corpo e tecnologia positiva como cirurgias estéticas e de subculturas urbanas como o *bodybuilding*, tornando o corpo um objeto de design. Neste momento, os corpos trans tornam-se campos de batalha biopolítico. Cirurgiões, psicólogos e jornalistas contribuíram para instalar a transexualidade como uma passagem entre dois sexos, porém a desconstrução dos gêneros, sua proliferação ou o reconhecimento de sua fluidez em uma perspectiva política e subversiva serviria como luta contra a essencialização.

Assim conforme Guilherme Almeida (2016) e André Lucas Guerreiro Oliveira (2015) existem quatro grupos de pessoas, que em alguma medida, vivenciam e performatizam masculinidades. O primeiro grupo é formado por pessoas que não querem um total descolamento do feminino. Permanecem como “mulheres” por diferentes e variados condicionantes: familiares, subjetivos, objetivos e sociais. Isso não as impede de, na intimidade, utilizarem nomes ou apelidos masculinos, alguns objetos característicos da indumentária masculina e, simultaneamente, de conciliá-los com cabelos longos e outros signos sociais que permitem preservá-las na identidade feminina.

O segundo grupo é formado por homens que não optam por modificações corporais cirúrgicas nem hormonais. Fazem uso de outros recursos culturais disponíveis para terem a aparência próxima do gênero com o qual mais se afinam (roupas, calçados e cortes de cabelo masculinos, uso de apelido masculino, atividades de trabalho consideradas masculinas) e se declaram satisfeitos e efetivamente pertencentes ao gênero masculino.

Há um terceiro grupo de pessoas que constroem performances públicas em que os gêneros se misturam, expressando, dessa forma, insatisfação com o ‘binarismo dos gêneros’ e/ou com a heteronormatividade¹⁷. Eles/as explicitam o

¹⁷ Para Tamsim Spargo (2006, p. 67, grifos da autora) a heteronormatividade “[...] especifica a tendência, no sistema sexo-gênero de ver as relações heterossexuais como a *norma*, e todas as outras como *desvios* dessa norma”.

desejo de modificações corporais às vezes pela via, inclusive, da ingestão de testosterona, mas não querem a mastectomia ou outros procedimentos cirúrgicos.

E existe ainda um quarto grupo de indivíduos que fazem e/ou desejam modificações corporais através da hormonização por testosterona e de uma ou mais intervenções cirúrgicas, além de se valerem em larga medida de outros recursos sociais (roupas e calçados masculinos, faixas torácicas – a fim de dissimular o volume dos seios – e próteses penianas¹⁸ de uso público). Este grupo busca o reconhecimento jurídico do gênero e nome masculinos e têm se tornado mais visível na cena pública brasileira, em função do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), que favorece o acesso a modificações corporais de alta complexidade. Tais indivíduos já se expressavam de forma diferenciada antes da existência do processo transexualizador, distinguindo-se da identidade lésbica.

Conforme Almeida (2012) a experiência da transexualidade masculina tem como equivalentes às categorias empíricas “homem transexual”, “homens trans”, “transhomem”, “transman”, “FTM (*female-to-male*)” ou “transexual masculino”. De acordo com Sofia Gonçalves Repolês e Érica Renata de Souza (2015) foi por meio da criação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) no ano de 2012 e, posteriormente, do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT) no ano de 2013, que se configurou para o segmento o termo ‘homem trans’,¹⁹ porém João Walter Nery e Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho (2013, p. 144, grifos dos autores) alertam:

São, assim, pessoas que, para a medicina, ciências ‘psi’ e sociedade em geral, “nasceram mulheres”, mas por se identificarem como homens, transformam-se através de uma adequação corporal ao gênero declarado. Além das autodefinições elencadas, muitas destas pessoas têm se identificado no *Facebook*, como menino, homem ou *man*. O termo *trans* quase não é usado. Para alguns destes indivíduos, designar-se homens, meninos, gurus, garotos ou *men*, significa entender a transexualidade como um estado transitório, efêmero, que desembocará na adequação ao gênero de identificação.

¹⁸ Também chamado de Packer é uma imitação de um pênis com material diferenciado para atender diversas funções.

¹⁹ Conforme Ávila é apenas durante o I Encontro Nacional de Homens Trans (I ENAHT), em São Paulo, em 2015, após um longo debate, que o segmento opta por ter uma nomenclatura única “homens trans” como estratégia política.

Deste modo, seguindo a linha de pensamento de Oliveira (2015) e Flávia Teixeira (2013) de que pessoas transexuais reivindicam a *priori* serem reconhecidas como pessoas, e que o termo, oriundo de discurso médico, não se sobrepõe ao gênero reivindicado por eles usarei, nesta dissertação, o termo homem(trans).

Para Simone Ávila e Miriam Pillar Grossi (2010, p. 1) “falar de transexualidade implica na reflexão sobre o que é sexualidade para além das concepções biológicas, obrigando-se a pensar nas sexualidades nos âmbitos privado e público”. Assim, pensando sobre as transmasculinidades. O que em nossa sociedade é considerado vivenciar e performatizar a masculinidade? Como esta é construída?

Para Robert William Connell (1995)²⁰ falar de posições de homens significa enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais, e que masculinidades são construídas e corporificadas. Para o autor, várias masculinidades podem ser produzidas no mesmo contexto social, sendo uma hegemônica e outras agrupadas em torno dela, sendo usado para esta produção o distanciamento do comportamento considerado adequado às mulheres, numa relação de troca com outras masculinidades. O projeto de masculinidade envolve encontros complexos com instituições, como a escola e a família, além das forças culturais, como a mídia. Lembrando que as masculinidades estão em constante transformação numa fluidez inevitável.

Fernando Seffner (2016, p. 173) nos informa que parte importante da contestação aos padrões de masculinidade hegemônica vem dos movimentos feministas e gays. E que parte das tensões é alimentada por mudanças no capitalismo, que constantemente recriam os padrões da masculinidade hegemônica. Outra mudança importante vem:

Pela ação de grupos de homens que se indagam sobre sua identidade cultural e psíquica e seus modos de vida, e propõem alternativas práticas de modificação do cotidiano, acompanhadas de reflexão. Parte importante do que em geral está designado como

²⁰ Hoje Raewyn Connell é um importante teórico da área da masculinidade.

crise da masculinidade é em verdade uma crise na ordem do gênero, uma crise das relações de gênero, que passam por acentuada modificação nas últimas décadas. Visto por uma ótica, o questionamento da masculinidade hegemônica só pode ser entendido dentro duma perspectiva de transformações mais gerais das relações de gênero e não como uma crise particular da masculinidade. (SEFFNER, 2016, p. 173)

Esta maneira de compreender os processos de produção do corpo e dos gêneros encontra-se com a teoria *queer* mais especificamente com o conceito de performatividade proposto por Butler (2000, p. 154, grifos da autora), que deve ser compreendido “(...) não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Isto é o gênero é feito e refeito por meio de uma reiteração performativa de normas regulatórias, que se dá através de uma operação linguística, pela qual os discursos produzem os efeitos do que nomeiam, objetivando uma produção de corpos heterossexuais. Bento (2012, s.p., grifos da autora) explica:

Não existe uma "identidade trans", mas posições de identidade organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetiva mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de "verdade". Não há identidade sexual típico para as pessoas trans. Suas sexualidades são feitas do mesmo material que as outras experiências: interdição, desejo, rebeldia, sofrimento, alegria.

Assim muitos homens (trans) vão construir seus corpos através de tecnologias de gênero variadas em busca de uma normalização com o “cistema”, ou seja, uma normalização baseada num “cissexismo” que naturaliza a existência de “dois sexos” opostos que dizem de uma verdade construída como se fosse dada nos corpos e que os marca como femininos ou masculinos. Os termos “cistema” e “cissexismo” fazem alusão à obra de Viviane Vergueiro (2013) e (2015). Para Vergueiro “Cistema” significa ‘Cistema-mundo’, que caracteriza um “[c]istemamundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” que produz “hierarquias epistêmicas” em que perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas ou silenciadas. Conforme Sofia Gonçalves Repolês e Érica Renata de Souza (2015, p. 10):

'cis+sexismo' é uma tentativa de caracterizar a complexa interseção entre a normatividade sexista de gênero (produtora cultural das diferenças homem-mulher) e a normatividade cissexista de gênero (produtora cultural das diferenças cis-trans). A cisgeneridade, de forma bastante breve, pode ser caracterizada como as posições normativas/coerentes no segmento 'sexo-gênero': são as identidades de gênero binárias, definidas a partir de ilusões pré-discursivas (como a que pressupõe a existência de dois 'sexos biológicos' objetivamente identificáveis), e tidas como permanentes. É costume, em nosso contexto histórico, referir-se a pessoas cisgêneras como homens/mulheres 'biológixs', 'de verdade', 'naturais', 'cromossômixs', etc..

Nesta perspectiva, Repolês e Souza (2015), alertam para o agente biopolítico presente no Processo Transexualizador do SUS, que opera num modelo normativo de transexualidade. Para Preciado (2018) hoje vivemos um panóptico ingerível²¹, em relação às tecnologias de produção de sujeitos, com o uso dos hormônios sintéticos e as pílulas anticoncepcionais:

[...] os projetos de pesquisa sobre hormônios considerados femininos buscam apenas controlar a sexualidade das mulheres e sua capacidade de reprodução. A masculinidade é ainda produzida de acordo com um modelo de poder patriarcal soberano²², ao passo que a feminilidade é regulada de acordo com um conjunto de técnicas de biopoder. (PRECIADO, 2018, p. 183)

Para Almeida (2012) os homens (trans) tem uma capacidade de *passing*²³ muito bem elaborada. Tal capacidade resulta, muitas vezes, da mastectomia²⁴ e do uso prolongado de testosterona. Para o autor: “Essa invisibilidade adquirida com frequência à duras penas significa para a maior parte um agradável momento de

²¹ Preciado (2018) utilizando da ideia de Foucault (2018) de Panóptico de vigilância permanente descreve o Panóptico Ingerível fruto de um processo biopolítico mais amplo de regularização da vida privada, por meio de medicalização de corpos. Para saber mais ler Testo Junkie de Paul B. Preciado (2018).

²² Sistema social em que homens adultos mantêm poder primário e predominam em funções de liderança, autoridade, privilégio e controle.

²³ Termo que em tradução livre significa passagem, porém pode ser entendido por passabilidade, ou seja, ato de “passar por” uma pessoa não trans, ou seja, cis. Importante ressaltar que nem todas as pessoas transexuais tem este desejo.

²⁴ Retirada das mamas. No caso dos homens (trans) busca-se, além da retirada das mamas, uma aparência masculina no tórax. Este procedimento é denominado mamoplastia masculinizadora.

trégua na estressante e contínua batalha por respeito à identidade/expressão de gênero²⁵ (ALMEIDA, 2012, p. 519).

Deste modo vale pensar que no Brasil, adotando uma tendência mundial, conforme Marilena Cordeiro Dias Villela Corrêa e Márcia Arán (2008), o Conselho Federal de Medicina (CFM), por meio da Resolução 1.482/97, aprovou a realização de cirurgias de transgenitalização nos hospitais públicos universitários, a título experimental. Tais intervenções estão subordinadas também às normas e diretrizes éticas da Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisas envolvendo seres humanos. A partir 1997, vários serviços interdisciplinares especializados começaram a se organizar, produzidos, especialmente, pela demanda de transexuais ao atendimento público. Esta demanda se apresentou após a divulgação da resolução do CFM, pela mídia, indicando que finalmente, reconhecia como lícita a realização dos procedimentos no Brasil. Porém foi apenas em 2010, conforme Ávila (2014) que o CFM publicou a Resolução CFM nº 1.955/2010, que considerava a retirada das mamas, ovários e útero como não experimentais podendo ser feitas em qualquer hospital público e/ou privado. Além disso, foi somente em 2013 que os homens (trans) foram inseridos no Processo Transexulizador conforme Portaria nº 2.803 do Ministério da Saúde.

Até 2010 a presença dos homens (trans) em movimentos sociais era praticamente inexistente, como apontado por Ávila (2014). Isso não significa, entretanto, a inexistência de suas experiências transexuais, mas sim um movimento que percebeu a necessidade de organização política frente ao imperativo de reconhecimento de suas identidades e especialidade. No ano de 2011 foi criado o Núcleo de Apoio a Homens Trans – NAHT. No ano seguinte (2012) a Associação Brasileira de Homens Trans – ABHT e em 2013, Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT. Este visando abordar não apenas questões relacionadas a saúde, mas também garantir os direitos humanos da comunidade transmasculina, entre eles o artigo 23º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o

²⁵ Expressão de Gênero é que como a pessoa manifesta publicamente a sua identidade de gênero, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos.

desemprego.” (Assembleia Geral da ONU, 1948, s.p.). Pensar como esses corpos vivem a prática do que Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p. 599) chamam de divisão sexual do trabalho, seu cruzamento com gênero e quais suas consequências é um grande desafio.

2.4 TRANSEXUALIDADE DISCENTE: ABJEÇÃO E PERTURBAÇÃO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Talvez seja produtivo pensar que não são transexuais e travestis que abandonam a escola, mas a escola é que os/as abandonam.
(Dayana Brunetto Carlin dos Santos)

São visíveis as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da escola em lidar com as discussões de gênero e diversidade sexual. De um lado, veem-se professores/as e funcionários/as que alegam estar despreparados/as para lidar com o tema, que a todo o momento se apresenta no ambiente escolar, e de outro se veem estudantes que realizam as mais diversas agressões contra todo o sujeito que se desvia dos padrões binários e heteronormativos. Para Lucas Bueno de Freitas e Lindamir Salette Casagrande (2016, p. 117, grifo dos autores) o preconceito e a discriminação se estabelecem em vários espaços sociais, sendo a escola um lugar que não fica aquém desta relação:

Diariamente, homens e mulheres, identificados ou não como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), mas que fogem do padrão estabelecido de masculino e feminino sofrem preconceito e discriminação, muitas vezes, pelo simples fato de andarem ou falarem diferente da **maioria**.

Na escola a diversidade é tratada como fardo, como peso. Isto é no âmbito escolar há uma separação dos corpos que importam daqueles que não importam, dos que fogem a norma. Tais corpos que se distanciam das normas vigentes de

gênero e sexualidades, tem sua existência ameaçada, estigmatizada e marginalizada. Como afirma Butler (2000, p.155):

Esta matriz excludente pelas quais os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são sujeitos, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito.

Na escola que esses “não sujeitos” que expressam suas identidades sexuais e de gênero diferente da norma heterossexual binária enfrentam os mais variados preconceitos e discriminações. Tais enfrentamentos tem como resultado, não raras às vezes, a evasão escolar, que pode ser caracterizada quando o/a estudante deixa de frequentar a escola, porém este abandono, muitas vezes, é fruto das violências sofridas por eles neste ambiente.

Em pesquisa realizada pela ABGLT e Grupo Dignidade, entre outros, em 2015, sobre as experiências de adolescentes e jovens LGBT em ambientes educacionais: “60,2% afirmaram se sentir inseguros/as na instituição educacional no último ano por causa de sua orientação sexual” e “42,8% se sentiam inseguros/as por causa da maneira como expressam o gênero” (ABGLT, 2016, p. 27). O IBTE produziu, em 2019, um estudo sobre a realidade dos/as estudantes trans no Brasil e 50% dos entrevistados disseram que tiveram que abandonar os estudos em algum momento da vida e os motivos citados para isso são “primeiramente a **TRANSFOBIA**²⁶, seguida pela **DEPRESSÃO**, em 3º lugar a situação **FINANCEIRA**, posteriormente temos o fato de não conseguir associar o **TRABALHO** a escola e a **EXCLUSÃO FAMILIAR** (IBTE, 2019, p.37, grifos dos/as autores/as). Como lembra Guacira Lopes Louro (1997, p. 67-68, grifos da autora):

²⁶ É uma série de atitudes, sentimentos ou ações negativas em relação a pessoas travestis e transexuais.

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá- los”, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento, a ausência da fala aparece como uma espécie de garantia da “norma”.

A escola ainda se mantém, depois da família, como o núcleo mais importante de socialização e desenvolvimento humano, onde a diversidade humana coloca em ação as mais diversas formas de relações sociais balizadas pela cultura, como valores, princípios éticos, morais, espirituais, modelo de gestão escolar e níveis de respeito entre as pessoas.

Este ambiente deveria promover valores de respeito aos direitos humanos, às diferentes orientações sexuais e de gênero; torna a escola um ambiente de inclusão social, que valorize e não discrimine, o “diverso”, o “diferente”, o “variado”; oferecer todos os cuidados necessários para o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes, respeitando a multiplicidade de visões, gostos e peculiaridades, porém não é isso que se vê na prática escolar. Santos (2010, p. 106-107) alerta que:

Na esteira dessas ocorrências do cotidiano escolar aparecem as experiências que desafiam, desestabilizam e subvertem as normas de gênero, como a travestilidade e a transexualidade. A visibilidade desses sujeitos intensifica-se na medida em que na sociedade de controle ou na governamentalidade neoliberal²⁷ o princípio da inclusão se coloca como imperativo. Entretanto, travestis e transexuais, embora atendam parte das demandas desse imperativo, quebram regras com seus corpos, isto é, as normas binárias do gênero, e essa quebra pode ser percebida por meio da transformação de seus corpos.

E por mais que as experiências dos/as transexuais na escola sejam múltiplas e singulares percebe-se uma verdadeira perturbação ocasionada por estes sujeitos nesta instituição que ainda vive num regime de disciplinamento de corpos e produção de um determinado tipo de sujeito normalizado. Para Santos (2010, p. 105, grifos da autora) na escola “o corpo desejável é jovem, saudável, magro, bonito e

²⁷ Entender governamentalidade como “conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 143)

heterossexual, que atenda de forma linear, e ‘natural’ a relação de correspondência entre sexo, gênero e desejo”.

Neste ambiente escolar, o dispositivo da transexualidade também lança suas teias formando uma idealização do corpo feminino e masculino a fim de adquirir alguma inteligibilidade. Para muitos transexuais e travestis a experiência escolar constitui-se em uma memória traumática, pois atividades cotidianas como utilizar o banheiro ou ser nomeado tornam-se um problema. (SANTOS, 2010).

A publicação da Resolução nº 12, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais, de 16 de janeiro de 2015, que delibera sobre o uso do nome social e a utilização do banheiro, dentre outras questões no ambiente escolar. Nesta resolução lê-se:

Art. 1º - Deve ser garantido pelas instituições e redes de ensino, em todos os níveis e modalidades, o reconhecimento e adoção do nome social àqueles e àquelas cuja identificação civil não reflita adequadamente sua identidade de gênero, mediante solicitação do próprio interessado.

Art. 6º - Deve ser garantido o uso de banheiros, vestiários e demais espaços segregados por gênero, quando houver, de acordo com a identidade de gênero de cada sujeito.

Art. 7º - Caso haja distinções quanto ao uso de uniformes e demais elementos de indumentária, deve ser facultado o uso de vestimentas conforme a identidade de gênero de cada sujeito; (CNCD, 2015).

Mesmo que algumas vitórias já tenham se dado neste campo, o que se percebe ainda hoje, seguindo a lógica de trabalhos como os elaborados por Santos (2010) e (2017); Marco Antônio Torres e Marco Aurélio Prado (2014); Neil Franco e Graça Aparecida Cicillini (2015), Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego (2015), ABGLT (2016) e IBTE (2018, 2019) que os sujeitos transexuais sofrem por transitarem ou transgredirem a fronteira inteligível da sexualidade e do gênero. Franco e Cicillini (2015) demarcam que pouquíssimos chegam ao Ensino Superior.

2.5 TRANSEXUALIDADE DOCENTE FEMININA: SINAIS DE FISSURA NA HETERONORMATIVIDADE

Por isso que eu digo que a minha presença se tornou pedagógica, até hoje.
(Andreia Laís Cantelli)

O caminho educacional percorrido pelos/as transexuais é cheio de obstáculos. Para Franco e Cicillini (2015, p. 104, grifo dos autores) professoras transexuais “representam uma pequena parcela de pessoas trans que conseguiram suportar as imposições heteronormativas”. Essas professoras trans representam uma fissura nas relações cadenciadas pela heteronormatividade (TORRES, 2012). Porém, assim como a escola e os/as estudantes, os/as docentes também estão subordinados/as ao controle e a regulação dos corpos, sujeitos as normas de conduta moral impostas pela sociedade.

Deste modo, analisando trabalhos que se debruçam sobre o tema de professoras transexuais e travestis como o de Torres e Prado (2014); Franco e Cicillini (2015), Santos (2017) e Andreia Laís Cantelli e Sayonara Nogueira (2018) verifica-se que a abjeção ainda é reservada a estes corpos trans, mesmo quando estes são de docentes, assim como os/as discentes, as professoras trans são, muitas vezes, apenas toleradas e tem os mesmos desafios enfrentados pelos/as estudantes: como o respeito ao nome social, o uso do banheiro de acordo com sua identidade de gênero, o tratamento de gênero adequado, etc, porém cabe avaliar que apesar dos desafios serem os mesmos o modo como ocorre o enfrentamento é diferenciado, pois nas hierarquias escolares os docentes gozam de privilégios que os estudantes não têm, além da própria maturidade geracional.

Franco e Cicillini (2015) constataram em entrevistas feitas com doze professoras trans²⁸, do Brasil todo, nos anos de 2010 e 2012, que estas docentes eram em sua maioria da região sudeste com faixa etária entre 27 a 46 anos, de cor branca, heterossexual, doutrina espírita ou umbanda, formação na área de ciências humanas e sociais, com destaque para o curso de Letras, muitas com especialização e atuando em escolas da rede pública.

²⁸ Os autores englobaram as identidades de gênero: transexual e travesti.

No censo realizado pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), entre 01 de novembro a 31 de dezembro de 2017, no qual noventa profissionais da educação responderam a variadas perguntas, verifica-se que a maioria das docentes trans²⁹ são mulheres, sendo a maior parte das profissionais da região sudeste, na área de ciências humanas e sociais, também com destaque para o curso de Letras e com tempo de atuação que varia de 1 a 5 anos. Muitas relataram a transfobia no ambiente escolar como tendo origem nos próprios colegas, na forma de violência psicológica e verbal, e que na maioria das situações a escola não tomou providências.

Em ambos os trabalhos percebeu-se uma escassez de contratações no setor particular de educação, Santos (2017) informa que muitas professoras trans veem uma suposta segurança profissional como professoras concursadas e uma de suas entrevistadas relata uma hipocrisia do setor privado. Esta autora também verificou a vontade das professoras trans em prosseguir com os estudos e se especializar cada vez mais, a fim de, poder negociar suas presenças na escola, já que para estes sujeitos é necessário provar o tempo todo que são boas o suficiente para poderem ficar.

Em 2012 a professora Marina Reidel fundou a Rede Trans Educ, que em 2017 passaria a se chamar Instituto Brasileiro Trans de Educação – IBTE, cuja principal missão é efetivar alianças e estratégias significativas para o combate à transfobia no ambiente escolar. O IBTE tornou-se também um instrumento de visibilidade ao criar alternativas para o rompimento de monopólio de direitos gerados pela transfobia, que coíbem outras travestis, mulheres e homens trans o acesso à escola.

²⁹ O censo englobou as identidades de gênero: travesti, homem trans, mulher trans, sem rótulo e não binários.

2.6 TRANSEXUALIDADE DOCENTE MASCULINA: DA ABJEÇÃO À TRASMASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO

“Transicionar de uma inexistência a um lugar de humanidade”.
(Francisco Cleiton Vieira Silva Rego)

Cada vez mais se vê uma busca dos homens (trans) pela sua visibilidade dentro dos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e sua diferenciação de movimentos lésbicos e transfeministas³⁰. Não há no país um levantamento aprofundado sobre a população trans e tampouco transmasculina. O reconhecimento das identidades de gênero desses sujeitos e de suas performances, a invisibilidade social e política enfrentada por eles, bem como as múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente.

O corpo transexual no espaço escolar torna-se um desafio de abordagem e estudo seja quando pertence a um/uma docente ou discente, e mais problemático ainda quando o sujeito em questão é um homem (trans) e docente, pelo fato de haver poucos estudos da prática pedagógica e abordagens teóricas sobre o tema mesmo sabendo que eles existem, como afirma Torres e Prado (2014, p. 203):

Em uma observação que fizemos em fevereiro de 2012, na cidade de Belo Horizonte, no 1º Encontro Nacional da Rede Trans Educ, grupo constituído por educadores/as transexuais e travestis, já havia alguns sujeitos que se auto definiam como professores transexuais masculinos. Contudo não tivemos contatos mais próximos com eles naquela ocasião. Privilegiamos aqui o estudo sobre mulheres trans, uma vez que já existia o grupo organizado da rede que naquele momento era por nós observado.

Pensar as transmasculinidades na educação requer um recuo temporal histórico, num trabalho de retirada das camadas sedimentares que formaram os discursos atuais sobre o tema. Assim, analisando os extratos dessas camadas, pode-se perceber que a retirada de mamas, ovários e útero, direito conquistado pelos homens (trans) a partir de 2010, são exemplos que:

³⁰ Conforme a página transfeminismo.com o movimento transfeminista surge no meio da segunda onda feminista com intuito de incluir as pessoas trans dentro da agenda feminista além da busca pelo empoderamento e visibilidade a causa trans. Acesso em 15/04/2019.

[...] mostram o quanto que a vida privada e pública se misturam e se influenciam mutuamente, embora frequentemente sejam tomadas como distintas na sociedade ocidental. A transexualidade, diferentemente da homossexualidade, parece exigir uma exposição pública necessária para o reconhecimento de sua existência no gênero desejado. Se, por um lado, a autorização para a realização das cirurgias de redesignação sexual em 1997 no Brasil foi marcada pela patologização das identidades trans, por outro, trouxe a possibilidade para muitas pessoas trans realizarem o desejo de alterar seus corpos de acordo com seu gênero e foi um dos fatores que permitiu maior visibilidade as mesmas. (ÁVILA, 2014, p. 139)

Deste modo, pensar como esses corpos vivem a prática do que Hirata e Kergoat (2007) chamam de divisão sexual do trabalho, seu cruzamento com gênero e quais suas consequências é um grande desafio, pois muitos homens (trans) lutam para passar despercebidos, não à toa, para Rego (2015, p. 10), que em sua dissertação entrevistou vários homens (trans) referente às dificuldades encontradas no mercado de trabalho, fazer emergir a masculinidade esperada pela sociedade é “transicionar de uma inexistência a um lugar de humanidade”.

Para o autor, corpos em fase de transição e sem modificação do prenome³¹ teriam muitas dificuldades em arrumar um emprego, mesmo com formação. Seu estudo identificou muitos deles no setor de serviços, principalmente, sem contato direto com o cliente, como nas empresas de telemarketing. Ainda para Rego (2015) outra situação é que corpos de homens (trans) lidos como corpos de mulheres seriam impedidos de ter acesso a trabalhos que a sociedade presume como masculinos.

Como então pensar a experiência destes sujeitos no ambiente escolar como docentes? Sejam eles corpos em fase de transição, corpos lidos como de mulheres ou com passabilidade completa. Como se dá à experiência desses homens (trans) num espaço que para Carvalho (1999) é entendido a partir de uma concepção universal da intuição e da existência feminina, sendo o ensino e a própria infância encarados historicamente como outra faceta da feminização?

Para Cantelli e Nogueira (2018, p. 5) organizadoras do censo feito pelo IBTE:

³¹ O nome é composto pelo prenome (nome do indivíduo) e sobrenome (nome da família).

Percebemos então que existe um número considerável de pessoas trans que atuam na educação, porém acreditamos que esse número possa ser bem maior, uma vez que a maioria das pessoas que responderam o censo, denunciaram assédio, violência e transfobia, dessa forma, muitas pessoas travestis, mulheres e homens transexuais que atuam na educação ou na pesquisa escondem suas identidades de gênero ou em caracteres andrógenos ou em possibilidades de vida delimitadas por características cisgêneras.

Convivemos com movimentos sociais que lutam por uma sociedade democrática e não discriminatória, tais como os movimentos feministas, gays, lésbicos, transexuais e travestis os quais, progressivamente, propiciam uma maior visibilidade às mulheres e à população LGBT. Também nos deparamos com instituições sociais conservadoras que reforçam estratégias de saber-poder que tendem à perpetuação de uma “verdade” absoluta, com base na naturalização e na normatividade.

3. METODOLOGIA

Este capítulo explicita como foi realizada a pesquisa. Como foram os caminhos e atalhos percorridos a fim de encontrar os sujeitos participantes da pesquisa e, quando por fim foram encontrados quais foram os passos para atingir os objetivos elencados. Em sequência foi feita uma análise dos professores (trans) participantes dessa pesquisa.

3.1 POR ONDE E COMO ANDEI

Com vistas a contribuir para a discussão da temática de gênero e educação, mais propriamente da população transmasculina no exercício da docência, essa pesquisa abrangeu professores (trans) de vários estados do país. A pesquisa é qualitativa (Uwe Flick, 2009) por compreender a realidade a partir de uma percepção das subjetividades dos sujeitos participantes da investigação para muito além de números e estatísticas. A coleta de dados foi feita por meio de entrevista semiestruturada³² realizada *online*, via *WhatsApp*. Foram entrevistados 7 homens (trans) e optou-se por esta forma de realização das entrevistas pelo fato de que os participantes estão localizados em diversas cidades do país. Sendo assim, a pesquisa seguiu por um caminho de entrevista e coleta de dados também via *internet*, utilizando o método de entrevista semiestruturada por ser uma abordagem do estudo das teorias subjetivas como um modelo especial à análise do conhecimento cotidiano em campos como escolas e outras áreas de trabalho. As entrevistas foram por chamada de vídeo via *WhatsApp*, com autorização prévia para a gravação e utilização das mesmas para pesquisa.

Na sequência, as entrevistas, que totalizaram quase 7 horas de gravação, foram transcritas e passaram pela análise dos entrevistados, pois os dados são antes de tudo, propriedade dos/as interlocutores. Por fim, os dados foram

³² No apêndice B encontra-se o roteiro de entrevista utilizado nesta pesquisa.

documentados e editados, para posterior interpretação, que consiste na essência da pesquisa qualitativa, e tem como função o desenvolvimento da teoria. Tais procedimentos servem também como embasamento para coleta de dados adicionais e para decisão sobre quais dados seriam utilizados na análise. Antes da redação final, foi realizada uma análise de conteúdo para a interpretação das entrevistas em diálogo com a teoria.

Deste modo, em busca de uma relação inter-subjetiva procurou-se uma inserção na rede de contato dos homens (trans) docentes. O primeiro contato foi feito por meio de coletivos e grupos, com destaque aos integrantes do IBTE. O segundo momento que proporcionou o contato com o universo pesquisado se deu por meio de seminários e palestras sobre o tema. Um dos momentos mais importantes foi durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 de 2017, na UFSC no qual pude conhecer homens trans que atuam por todo o Brasil.

A primeira etapa do processo de pesquisa foi o levantamento bibliográfico pertinente ao tema, que acompanhou o processo de pesquisa como um todo, pois para Flick (2009), a literatura existente torna-se relevante para a fundamentação da argumentação do/a pesquisador/a, que deve demonstrar um bom domínio da área, métodos e campo. Por fim, os textos servem a três finalidades no processo de pesquisa qualitativa: representam não apenas dados essenciais nos quais as descobertas baseiam-se, mas também a base das interpretações e o meio central para a apresentação e a comunicação de descobertas.

A segunda etapa foi um levantamento de grupos e coletivos de homens (trans) em busca dos docentes, assim como, em grupos que possibilitam a interação e rede de apoio a docentes transexuais. O contato se deu via internet ou pessoalmente, em seminários e palestras sobre o tema. Neste sentido para Ana Maria Nicolaci-da-Costa et al:

O mundo mudou muito, e a olhos vistos, nesta virada de milênio. Entre os diversos fatores responsáveis por essa mudança, estão: a Revolução Digital; a nova organização em rede de praticamente tudo (sociedades, instituições, empresas, grupos de solidariedade, relacionamentos, etc.); a crescente mobilidade (real e/ou virtual) de grandes parcelas da população mundial; a volatilidade ou fluidez de muitos elementos da vida social e individual (a começar pelo próprio capital); o incremento acentuado do processo de globalização, etc. (NICOLACI-DA-COSTA et al., 2009, p. ????)

Nesta conjuntura mundial, saber indagar se tornou determinante. A necessidade de explorar os diversos aspectos das transformações que não param de ocorrer provoca uma profunda transformação no cenário das pesquisas nas ciências sociais e humanas. Além de saber indagar saber ouvir torna-se fundamental. Para Karen Worcman (2006, p. 9) “saber ouvir cada um compondo as diferentes visões, revela-se assim um exercício básico de cidadania – parte essencial da aprendizagem e desenvolvimento humano”. Pensar que toda pessoa tem história e que essa história tem valor. A memória:

entendida no sentido original do termo, ou seja, tudo aquilo que uma pessoa retém na mente como resultado de suas experiências. Ela é seletiva, seja um procedimento consciente ou não. Portanto, não é um depósito de tudo que nos acontece, mas um acervo de situações marcantes. Diante disso, então, o que seria a história? É a narrativa que articulamos a partir dos registros da memória. Toda história é uma articulação de passagens que ficaram marcadas. (THOMPSON, 2006, p.10)

As novas tecnologias proporcionam ouvir mais pessoas, formas redes e a história ganha em riqueza e diversidade. Para Thompson: “A história oral é considerada atualmente parte essencial de nosso patrimônio cultural” (THOMPSON, 2006, p.19), mais que apenas histórico o campo da história oral é interdisciplinar e faz ponte com o campo sociológico e antropológico, por exemplo. São histórias de vida de professores (trans) que contam suas memórias numa mistura “do subjetivo e do objetivo, e parte do interesse está em entender como as experiências do passado são reinterpretadas na memória.” (THOMPSON, 2006, p.32). A história de vida não conta apenas o “passado” de uma pessoa, mas revela muito sobre seu presente e indica como ela vislumbra seu futuro.

3.2 QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA?

Optou-se para segurança dos entrevistados usar nomes fictícios que fazem menção a deuses da mitologia grega, nórdica, celta e africana. No quadro 1, de elaboração própria com base nos dados coletados nas entrevistas concedidas por eles apresenta-se a caracterização dos participantes.

QUADRO 1: DADOS DO PERFIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Nome Fictício	Cidade/Estado	Idade	Raça/Etnia	Religião	Orientação Sexual	Estado Civil	Formação	Escolaridade	Disciplina de Atuação	Nível de Atuação
Eros	Muriae/MG	20 anos	Branco	Católica	Heterossexual	Solteiro	Fisioterapia (não concluído) Pedagogia (Cursando)	Graduação em Andamento	Educação Infantil	Educação Infantil
Apolo	São Paulo/SP	34 anos	Branco	Não Citada	Homossexual	Solteiro	Jornalismo, Ciências da Computação, Letras (não concluídos) e Filosofia (Cursando)	Graduação	Inglês	Cursos de Idioma
Hermes	Fortaleza/CE	38 anos	Branco	Sem religião	Bissexual	Solteiro	Letras	Especialização	Português	Ensino Fundamental – Anos Finais
Tyr	Cuiabá/MT	30 anos	Branco	Ateu	Bissexual	Solteiro	Gastronomia e Ciências Sociais (Cursando)	Doutorado em Andamento	Inglês	Cursos de Idioma
Lugh	Trindade/GO	25 anos	Branco	Ateu	Heterossexual	Casado	Arte Cênica	Graduação	Arte	Ensino Fundamental e Médio
Xangô	Salvador/BA	38 anos	Negro	Adepto de Religiões de Matriz Africana	Heterossexual	Solteiro	Letras	Doutorado em Andamento	Fundamentos e Metodologia para Ensino de Língua Portuguesa	Ensino Superior
Oxumaré	Florianópolis/SC	29 anos	Negro	Panteísta	Bissexual	Casado	Moda	Doutorado em Andamento	Técnico em Vestuário e Moda	Ensino Técnico – Projeção e Subsequente

FONTE: Entrevistas (Elaboração Própria)

Referente à orientação sexual 3 (três) relataram ser heterossexuais, 3 (três) bissexuais e apenas 1 (um) homossexual. Sobre a questão religiosa temos 2 (dois) ateus, 1 (um) católico, 1 (um) adepto de religiões de matriz africana, 1 (um) panteísta, 1 (um) sem religião e 1 (um) não citou, mostrando uma grande

diversidade nesse campo. Sobre o estado civil 5 (cinco) são solteiros e 2 (dois) casados.

Já no campo relacionado à educação, no que diz respeito à área de formação, Ciências Humanas é predominante, com destaque para Letras, dos 7 (sete) entrevistados, 2 (dois) são formados neste curso. No que se refere ao nível máximo de formação 3 (três) são graduados, 3 (três) estão cursando doutorado e 1 (um) tem especialização.

Quanto à disciplina de atuação dois dos professores entrevistados ainda estão se formando em áreas como Filosofia e Ciências Sociais, porém deram a entrevista por terem tido experiências anteriores como professores de Inglês em cursos particulares. Outro está com a sua graduação em Pedagogia em andamento, e também participou da pesquisa por atuar na Educação Infantil e ter experiência com estágios nesta área. Assim temos 2 (dois) professores de Inglês, 1(um) Educação Infantil, 1(um) de Português, 1 (um) de Artes, 1 (um) de Fundamentos e Metodologia para o Ensino de Língua Portuguesa e 1 (um) Técnico em Vestuário e Moda.

Não houve, neste trabalho, restrição do nível de atuação dos professores, assim abordamos uma diversidade muito grande, no que diz respeito a isso temos 1 (um) professor de Educação Infantil, 1 (um) do Ensino Fundamental, 1 (um) do Ensino Fundamental e Médio, 1 (um) do Curso Técnico – PROEJA e Subsequente, 1 (um) do Ensino Superior e 2 (dois) de Cursos de Idiomas. Quanto ao regime de contratação para o trabalho 3 (três) são CLT, 2 têm (dois) contratos temporários, 1 (um) é funcionário público e 1(um) é estagiário.

4. UNIVERSO TRANSMASCULINO: A CONSTITUIÇÃO DE SI, FORMAÇÃO E DOCÊNCIA

Neste capítulo foi analisado o primeiro contato dos homens (trans) entrevistados com o termo transexualidade masculina, a alteração que alguns procuram em relação a seus corpos, a passabilidade e suas implicações. Analisou ainda como se deu o processo escolar até a entrada no mercado de trabalho desses homens, para por fim, abordar relação deles com a docência desde a motivação para escolha da profissão, passando pelos obstáculos e desafios encontrados por eles, até as práticas pedagógicas exercidas por esses docentes.

4.1 LÉSBICAS MASCULINIZADAS E HOMENS(TRANS)

Como já mencionado anteriormente muitos homens(trans) sofrem com a angústia de serem considerados lésbicas masculinizadas, mesmo reivindicando o reconhecimento como membros do gênero com o qual se identificam. Assim Eros reclama:

As pessoas ainda enxergam os homens (trans) como lésbicas masculinas, eles não conhecem o termo homem (trans). A travesti e a mulher (trans) já vêm sendo comentadas há muitos anos. Há muito já existia a figura travesti, antes chamada de o travesti, mas já existia. A gente vê que os homens(trans) são muito invisibilizados, porque tem esta abordagem que o homem (trans) é a mulher vestida de homem, porque tem aquelas lésbicas mais masculinas e as pessoas não sabem a diferença, acham que é tudo a mesma coisa.

Outros entrevistados relataram essa situação, por exemplo, Hermes, diz que no passado chegou a ter a ideia que um homem (trans) era uma super lésbica, o que atrapalhou seu processo de identificação com a transexualidade, pois, nas palavras dele: *eu gostava de mulher, mas também gostava de homem*. Visível neste relato a confusão feita entre orientação sexual e identidade de gênero.

E Xangô relata:

eu não sabia o que era um homem (trans), eu vim, a saber, tem 5 anos exatamente. Eu nunca tinha ouvido falar, eu achava que era lésbica, e eu não convivia com lésbica, pela minha orientação sexual, outra coisa que eu vim arrematar ano passado. Eu imaginava que toda mulher lésbica era como eu sentia-se homem e gostava de se relacionar com mulheres hetero.

A maioria dos homens (trans) entrevistados relata acalento pela descoberta do termo transexualidade que traria significado as suas vidas, antes embaralhadas ao termo lésbico que não condizia com o que eram. Eros relata que com 11/12 anos digitou no Google o que sentia:

Eu digitava o que eu sentia e apareceu a transexualidade, na época era transexualismo o termo usado, e foi aí que eu comecei a entender mais sobre isso e me descobrir transexual.

O mesmo aconteceu com Apolo que relata:

Você é homem (trans) a partir do momento que você deu o primeiro choro, que o médico deu um tapa na bunda, mas você só tem oportunidades na vida que permitam externalizar e outras que não tem oportunidades. Eu vi muita coisa na internet do meu processo e eu me espantei e eu jurava que era só eu que vivia este processo. Essa dicotomia. E quando eu vi que outras pessoas eram como eu, eu comecei a pesquisar, comecei a entender as teorias que falavam sobre mim, rechaçar algumas, ir atrás do movimento social organizado especializado em homens (trans), por que eu já vinha do movimento estudantil, desde os 15 anos eu atuo com isso.

Enquanto Tyr diz que em 2011 teve conhecimento da existência do ator pornô Buck Angel e de sua famosa frase: “*Eu amo minha vagina*”. Para Tyr houve uma identificação e foi neste momento que conseguiu externalizar:

falar em voz alta (...) cara você é uma pessoa trans você é um homem (trans) você pode não gostar, eu sempre fui muito feminista, então foi uma dificuldade eu conseguir me entender enquanto homem

Para Tyr sua identificação demorou, e o feminismo foi relatado como um obstáculo inicial, porém hoje ele se identifica muito mais com o termo trans que qualquer outra coisa e o mesmo feminismo o ajudou a construir outro modo de ser homem não pautado no machismo e misoginia.

Para Xangô a palavra transexualidade o coloca em contato com a sua identidade, ele relata que entrou em contato com o termo por uma reportagem que passou pela sua timeline do Facebook num domingo:

Na hora você não tem noção foi libertador, eu disse meu Deus eu sou um homem (trans), eu sou isso. Eu pulava pela casa e chamava minha esposa e dizia: Andreia eu sou homem (trans) as narrativas é como se fossem minhas, eu sou isso aí.

Deste modo é possível perceber como a internet e as mídias em geral são importantes para tecer identidades antes fadadas à abjeção. E que a descoberta do termo transexualidade trouxe um novo entendimento para vida desses homens antes embaralhada com a lesbianidade masculinizada.

4.2 PANÓPTICO INGERÍVEL E A FABRICAÇÃO DE CORPOS

Muitos homens (trans) após o primeiro contato com os termos transexualidade e transmasculinidade vão construir novos corpos através de tecnologias disponíveis. Dos 7 (sete) entrevistados 6 (seis) recorreram a hormônios e outras tecnologias de alteração corporal. Sobre isso Tyr sinaliza:

De 2015 até o ano passado (2017) eu optei por não fazer nenhuma mudança corporal. Na verdade eu achava que era uma demanda que eu ia conseguir vencer, eu sou muito crítico as normas, todas elas, então eu achava que eu ia conseguir não hormonizar e a não fazer essas mudanças corporais e ainda assim me identificar enquanto homem (trans). E durante um tempo eu consegui realmente, deu para lidar, mas no meio do ano passado comecei a sentir muito latente essa necessidade de mudanças para serem também visíveis porque a gente vai ser lido numa relação com o outro e passou ser muito importante ser lido como Tyr. Então em agosto do

ano passado eu decidi começar a me hormonizar, fiz todos os exames e em novembro eu apliquei a primeira dose³³ e foi maravilhoso. O processo em si tem sido maravilhoso.

Para Xangô logo que houve a descoberta do termo transexualidade ele soube que poderia retirar os seios, algo que desejava, e fez, mas também veio o fascínio com a questão hormonal:

(...) barba é uma coisa que eu queria ter, mas vem à questão da voz.

Xangô além de professor universitário é cantor na Bahia e a testosterona tem como um dos efeitos a alteração significativa da voz. Logo para preservar sua voz ele optou por não fazer uso deste hormônio e diz:

O mundo cis quer normatizar o corpo trans. Existe esse anseio então: já que é homem toma hormônio, tem barba e falar grosso e se for mulher tem que falar fino e tirar o pombo de Adão. Claro que a estilização do corpo é algo individual e cada um tem sua necessidade e cada um tem uma vontade de se ver no espelho. O que eu estou falando é outra coisa. Por exemplo, em casos como o meu, que eu nunca vou atingir. Só se eu quiser parar de cantar. Então por conta disso eu vou deixar de ser homem? Eu não quis arriscar e por conta disso eu não vou deixar de ser menos homem. E a militância me ajudou muito a lidar com isso usando a linguagem, minha transição foi toda pela linguagem, tive que ressignificar isso e pronto, mas se eu não tivesse entrado na militância teria sido um processo muito doloroso, porque são muitas pressões, até da própria militância, inclusive pessoas trans cobrando que você faça coisas. Então é importante você ter esse equilíbrio.

Tyr e Xangô chamam a atenção para as armadilhas do gênero, dos dimorfismos construídos e das normalizações das quais muitos homens (trans) são vítimas e como é importante liberdade, mas também desconstrução de algumas situações de imposição ao que se refere às masculinidades e feminilidades.

³³ Tyr faz referência ao uso da testosterona.

4.3 PASSING: QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA E TODO MUNDO PASSA POR

Alguns homens (trans), em determinados momentos, vão usufruir da sua capacidade de *passing*. Sobre isso Hermes relata:

Em algumas situações por questão de segurança, nunca se sabe o que pode acontecer, mas eu não vou simplesmente negar que sou trans, se alguém chegar e perguntar eu digo: sim sou. Inclusive isso aqui (aponta para uma tatuagem) a pessoa olhou no meu pulso sabe que eu sou trans se souber o significado. E tem outras questões, a questão da mastectomia, já me convidaram numa roda de professores para um passeio que seria justamente numa lagoa. Eu não fui porque eu não podia nadar. (...)

Sobre o *passing* Tyr elucida que a comunidade trans tem sido bem crítica em relação a isso, porém para muitos é uma questão de sobrevivência:

Para algumas pessoas tem sido importante não se destacar enquanto pessoa trans. Muitas pessoas quando conseguem atingir o corpo que querem, o formatinho que querem, costumam apagar a palavrinha trans, então deixa só o homem ou só a mulher e tira trans. Eu e esse sangue mais militante, gosto muito de ser trans. Mas a gente sabe que é uma questão de sobrevivência. Me dá uma tranquilidade muito grande poder usar um banheiro e mesmo que ser lido enquanto um menino muito novinho, mas não chamar tanta atenção e conseguir transitar garante que a gente possa estar em paz em lugares que seriam realmente muito perigosos de outra forma, um dos espaços mais cotidianos e mais perigosos é o banheiro, num corpo como o meu, eu sou muito pequeno, chama até atenção por ser muito pequeno eu me sinto vulnerável. Mesmo que eu quisesse entrar num banheiro feminino hoje não teria uma aceitação legal, já não entraria numa boa e chamaria muita atenção.

Para Tyr a grande questão é essa, o “passar por” garante muitas vezes a sobrevivência. Para ele alguns trabalhos como da Linn da Quebrada³⁴, cantora e performance, são fundamentais para pensar além do que a gente considera passável e questionar a necessidade de entrar em um padrão.

³⁴ É uma atriz, cantora e compositora brasileira de funk e pop. Também ativista social pelos direitos civis da comunidade LGBT e da população negra. Linn inovou ao destoar do estereótipo de travesti, assumindo sua transexualidade apenas modificando seu gênero e nome no registro civil.

(...) muitas meninas (trans) que não querem fazer cirurgia de redesignação ou não querem fazer implantes estão se sentindo super a vontade de ter um peito pequeno ou de não acendar³⁵, tudo bem ser uma mulher e ter um pênis, tudo bem que este pênis apareça na saia, tudo bem ser um homem ter barba e ter um peito que apareça pela camiseta. De pouquinho, em pouquinho, de geração em geração a gente vai tirando, a gente vai conseguindo se sentir um pouquinho mais a vontade de não ter que passar por e que quem quiser passar por também que passe, claro, mas acho que isso é uma grande questão, a gente tem sempre que priorizar por segurança, eu falo isso para muita gente, não adianta a gente levantar bandeirinha morto num caixão, à gente só faz a diferença vivo. Então se eu precisar ter barba, se você precisar colocar silicone para se manter viva, para se sentir à vontade, a gente vai continuar fazendo e aí ao mesmo tempo incomodando um pouquinho para ir soltando mais essas amarras.

Outra reflexão importante sobre esses termos é dada pelo entrevistado Oxumaré: “Todo mundo passar por.” Ele se lembra de uma palestra que deu onde foi perguntado:

Você não acha que as pessoas transexuais, sei lá, passam batom, se depilam ou passam Minoxidil para barba. Vocês não acham que vocês estão cristalizando o que é feminilidade e masculinidade? Vocês não acham que estão ajudando a indústria da farmácia. Eu respondi: acho engraçado que ninguém questiona quando a mulher cis passa maquiagem e usa salto alto, como se naturalmente ela fosse mulher, como se ela não se depilasse, como se ela também não se passasse por mulher. Eu tenho a minha máxima do dread, que eu aprendi com um menino negro incrível que ele diz que o natural era todo mundo ter dread, porque se você não pentear seu cabelo ele vai fazer dread que impedem que seu cabelo caia e vai formar tipo uma juba de leão e você sabe a idade do leão pela juba dele, por quais regiões ele passou e quais suas características ... cor e tal. Se todo mundo fosse natural todo mundo teria dread, mas as pessoas acham que meu dread é feito é falso, engraçado que o falso sou eu. A heterocisnormatividade, é igual, é a coisa mais falsa que existe, todo mundo se monta e todo mundo se passa e tem uma aura que isso que é natural. Então a passabilidade para mim é um luxo e uma faca de dois gumes, primeiro a minha passabilidade é de um homem gay, eu passo por viado e não por cis ou boyzão. Pode ter homens (trans) que passam, eu não passo e, além disso, eu sou uma bicha preta. (..) E a passabilidade é mentirosa, é uma ilusão, mas ela é benéfica. (...) A transição de gênero não é uma realidade, eu não sou um homem (trans) porque eu tenho uma essência masculina, eu acho que é uma experiência de gênero, porque, por exemplo, eu nunca vou ter a experiência de passar por branco, deve ser muito louco ser branco, mas vou ter a experiência de ser homem numa sociedade machista. É importante, eu fiz antes da minha transição uma oficina de Drag

³⁵ Termo originário do dialeto da linguagem popular *pajubá*, constituída da inserção em língua portuguesa de numerosas palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais. Muito usada pelos praticantes de religiões afro-brasileiras e também pela comunidade LGBT. No relato o termo fez menção ao ato de esconder o pênis para trás.

King com a Bourcier e é muito louco passar por homem nesta sociedade. E dá raiva de ser bem tratado.

No relato de Oxumaré há um apontamento para as questões racistas e machistas intrínsecas em nossa sociedade. Ele também chama atenção para o fato de entender a transição de gênero como uma experiência e não uma essência. Seja trans ou não trans como diz Tiago Duque (2013) somos considerados socialmente o que os outros vêem e buscamos negociar esta imagem de reconhecimento com a maneira como queremos ser vistos, e, neste caso, em um contexto de violência contra determinadas diferenças.

Para Duque esse processo nada tem de voluntarismo racional, ainda que se desenvolva uma economia de autoidentificação e diferenciação para escapar de discriminações, rechaços e violências, todas as escolhas se dão fundamentadas em modos de subjetivação caracterizados por convenções e normas reiteradas que, por serem históricas, estão sob mudanças e transformações constantes. Assim a necessidade do *passing* foi colocada várias vezes pelos entrevistados, a fim de, evitar violências, bem como, facilitar o acesso a ambientes como banheiros, etc. Verificou-se também uma politização muito grande dos entrevistados frente suas identidades.

4.4 PROFESSORES (TRANS) E SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

A escola ainda é um lugar de normalização dos corpos, assim qualquer pessoa que fuja a norma estabelecida como padrão sentirá as consequências. Sobre sua trajetória escolar Hermes relatou:

Quando eu conseguia estudar eu realmente era o melhor da sala, principalmente em Português, Matemática nem tanto, mas teve épocas, principalmente, final da infância e começo da adolescência que eu sofri muito bullying. Cheguei a apanhar porque os meninos não entendiam muito bem o que diabos eu era, porque eu era uma menina super masculina de

cabelo curto que todo mundo pensava que era um menino e ao mesmo tempo eu tinha paixões por meninos da sala. (...) à medida que eu ia crescendo eu ia ficando mais estranho porque eu sou muito alto aqui para o padrão e na época eu era muito magro, parecia um varapau, e eu tinha um cabelo muito curto, não me encaixava no padrão menininha eu ficava interessado nos meninos e eles ficavam com raiva de mim por causa disso aí me batiam.

Para muitos dos homens (trans) entrevistados o uso do nome conforme sua identidade de gênero foi fundamental para a permanência dos mesmos nas instituições de ensino por quais passaram. Eros, que chegou a cursar dois anos de Fisioterapia antes de mudar para Pedagogia, relata:

Quando eu entrei na primeira faculdade, de Fisioterapia, eu tinha começado o processo de hormonização, ainda tinha a aparência, meio feminina, a voz não era tão definida. A documentação, não tinha entrado com o processo ainda, tive o trâmite de solicitar o nome social na faculdade para poder continuar estudando. Porque eu tinha para mim que se eu não pudesse adotar o nome social, eu não queria entrar na faculdade, pois era um constrangimento muito grande.

Lugh que cursou Artes em uma universidade pública e teve que interromper a faculdade por seis meses, por questões financeiras, expõe:

(...)infelizmente para comunidade trans a formação superior é muito difícil, a formação básica: fundamental e médio já são muito difíceis. São poucos na comunidade que conseguem terminar seus estudos e ingressar numa instituição, assim, o preconceito existe, o descaso existe e a desmotivação. Eu tranquei a faculdade e voltei pós transição, eu tinha um receio muito grande em voltar para terminar, saí de um jeito e voltei de outro, eu tinha medo da reação da própria instituição, apesar de ser uma instituição federal, havia casos de violência contra gays e mulheres (trans), mas a universidade tinha um programa para os transexuais que eu não sabia, descobri quando voltei.

Evasão que na verdade deve ser considerada uma expulsão resultante de todo este processo de brutalidade sofrida por eles em seu percurso estudantil. Tyr relata que sua trajetória escolar, como a de muitas pessoas trans, foi pouco linear. Ele afirma que precisou recorrer ao “supletivo” para concluir o Ensino Médio, após ter sido vítima de transfobia. Sobre isso ele descreve:

E eu fui fazer supletivo, mesmo com tudo isso, de estar fora de casa e ter parado de estudar duas vezes no Ensino Médio consegui passar para Ciências Sociais na UFMT.

Para Tyr o apoio de sua mãe foi fundamental e reconhece que sua trajetória ainda é uma exceção em meio às pessoas trans.

(...) então realmente podia ter sido muito diferente a minha trajetória. Realmente eu acho que eu sou uma exceção ainda e eu espero que a gente consiga preparar o terreno para aquelas pessoas trans que estão vindo por aí para que elas não necessariamente tenham trajetórias tão atropeladas, tão tortuosos. Eu sempre tive essa noção, que se eu não fosse ficar na academia, se eu não fosse beirando as universidades, que eu ia realmente ficar muito mais vulnerabilizado do que eu já tava, então realmente foi uma batalha muito grande para tentar garantir esse espacinho e também abrir um pouco esse espacinho para começar a falar dos nossos sonhos, levar para dentro da academia. Tenho total consciência de que a gente precisa olhar mais ainda para galera que está mais vulnerável. E ter parte da família me apoiando foi bem essencial.

Assim no caso dos homens (trans) entrevistados vemos episódios de transfobia e evasão escolar em suas trajetórias. Evasão essa, que como já discutido no subcapítulo 3.1, é mais uma expulsão resultante das violências sofridas por eles. Suas “trajetórias não lineares” e insistentes mostram uma resistência e como o reconhecimento das suas identidades de gênero, o uso do nome social, o apoio familiar e institucional escolar fez a diferença em seus percursos enquanto discentes.

4.5 HOMENS (TRANS) E O MUNDO DO TRABALHO

No subcapítulo 3.3 foi verificado a partir dos estudos e pesquisas de Rego (2015) uma presença muito acentuada dos homens (trans) no setor de serviços, principalmente, sem contato direto com o cliente, como é o caso do setor de telemarketing. Desde modo, foi perguntado aos homens participantes dessa pesquisa sobre sua trajetória profissional anterior a docência, dos 7 (sete) entrevistados nesta pesquisa 2 (dois) relataram suas experiências com o ambiente de telemarketing anterior a sua vida de professores. Oxumaré que é formado em

Moda pela UEM e hoje professor de História da Moda diz ter se frustrado com o campo de trabalho:

(...) eu era meio esquisita para época Não tinha espaço porque eu não era feminina e nem um monte de critérios para ser da moda.

Então relata que o caminho para o mercado de trabalho foi o ambiente de telemarketing, pois não viam sua cara:

Quando entrei para o telemarketing eu estava muito depressivo e eu encontrei um grupo de pessoas ali que eram todos rejeitados sociais, sabe? Aquela mina que não se submete ao mercado de trabalho das 8h às 18h e não vai tramar no Shopping e que não se submete a este tipo de trabalho. O cara que é roqueiro. A gente brincava que a gente era a corja da sociedade. Então todos os rejeitados, os excluídos e piores que se prestavam ao trabalho estavam no telemarketing. Nós brincávamos com isso. Nosso grupo era muito diferente, tinha viado, sapatão, gordo roqueiro, de 40 anos que mora com mãe e mulheres que estavam mandando tudo à merda. Uma miscelânea de rejeitados e, nessa miscelânea de rejeitados, a gente se sentia incluso.

Oxumaré relata que conseguiu crescer o máximo possível neste ambiente até que houve empecilhos para continuar:

E quando foi para eu ir para outro lugar eles perguntaram se eu cortaria o cabelo porque eu já tinha dread na época, eu não era totalmente masculina na época, não me considerava butch³⁶, por exemplo. Eu era lésbica assumida e não era feminina, não passava maquiagem e nem usava salto alto, eu usava calça jeans e tênis, normal, mas o problema maior era meu cabelo, porque não tinha a possibilidade de assumir um cargo de respeito usando dread. Aí já era demais.

Na transcrição anterior a questão interseccional entre gênero e raça também transparece, pois Oxumaré, ainda não totalmente com sua expressão de gênero transmasculina evidente, sofreu preconceito com base na questão racial, ou seja, sofreu racismo. Para Martinelli *et al.* (2018) a passabilidade pode ser tanto uma

³⁶ Gíria para lésbica que é visivelmente masculina.

imposição cisgênera como branca, pois em uma sociedade racista quanto mais próximo da raça branca você estiver, menor será sua exclusão.

Hermes relatou quando perguntado sobre as dificuldades enfrentadas por ele durante sua transição corporal:

Foi difícil, eu não estava conseguindo um emprego logo depois que me divorciei e eu fui tentar trabalhar numa empresa que um amigo meu tinha trabalhado de telemarketing. Eu cheguei lá, fiz todo processo, aquela bobagem de dinâmica de grupo e eu passei. Passei por todo processo quando cheguei no treinamento pediram para a gente se apresentar aí eu pensei: eu já passei por tudo, já estou na empresa praticamente, porque não? Disse que preferia que me chamassem de Hermes. No dia seguinte a instrutora me chamou no corredor e disse que tinham avaliado melhor o meu perfil e aquela vaga não era para mim, mas que iam arrumar uma vaga para mim em uma semana e que eu fosse para casa e esperasse o telefonema. Já está com três anos (...) O que eu percebi dos meus amigos que trabalham com telemarketing que eles não aceitam homens (trans), aceitam pensando que é uma lésbica, porque a diversidade vai até o B não chega no T, LGB e o T não. Muitos deles tiveram uma dificuldade enorme quando tentaram trocar o nome no crachá, usar nome masculino e foram sumariamente proibidos de fazer isso. Dizem que é irregular, contra a lei e falsidade ideológica.

Hermes relata que falta apenas a alteração do seu prenome no título de eleitor e que quando concluído ele imagina:

eu não vou ter mais esse tipo de problema porque eu não vou mais precisar nem dizer que sou trans.

Assim como Hermes, Lugh vê na retificação dos seus documentos uma possibilidade de paz:

Quando eu comecei a transição. Foi em outubro de 2015, que eu passei em frente ao CREI – Centro de Referência Estadual da Igualdade, eu fiquei passando lá muito tempo antes de entrar, justamente pela forma como eu saí da escola em que eu trabalhava, de uma forma bastante injustificada, me indicaram ir lá para tratar essas questões, só que eu fui pesquisar sobre a entidade/instituição e descobrir várias, e aí eu entrei lá e foi maneira bem ingênua, falei com assistente social e disse que eu queria mudar de nome. E aí ela me perguntou por quê? Eu falei, eu quero que as pessoas vejam meus documentos e eu como uma coisa, como a mesma pessoa. E aí eu conversei com uma advogada e ela me explicou o que era transexualidade, o que era a transição e me perguntou se era o que eu tava pensando no momento e aí ela me indicou um psicólogo e me apresentou um menino (trans). E aí a partir daí eu comecei a pesquisar a entender e estudar. Eu falei: opa eu não sou o único, eu agora comecei a me entender e foi assim.

Para Lugh os meninos (trans) que não tem retificação há uma maior dificuldade em arrumar trabalho:

porque é o estereótipo, porque eles vêm documento e querem ver o físico do que estão contratando e isso é muito triste.

Qual é o lugar reservado para esses corpos sem passabilidade completa e retificação nos documentos? O mercado de trabalho, assim como a escola, ainda impõe aos desviantes da norma severas sanções e exclusão. Os depoimentos evidenciam que embora não haja um requisito legal de passabilidade e retificação de nome, há uma obrigatoriedade de fazê-lo para se inserir no mercado de trabalho e se manter no ambiente educacional.

4.6 SALA DE AULA E A MASCULINIDADE: POR QUE SER PROFESSOR?

Em uma rápida análise do perfil do/a professor/a da educação básica do Brasil, produzida pela Maria Regina Viveiro de Carvalho, em conjunto com o INEP, em 2018, com base nos Censo da Educação Básica de 2009, 2013 e 2017 podemos verificar que 81% dos/as docentes brasileiros, da educação básica, são mulheres. Mas nem sempre foi assim, no Brasil, como em muitas outras sociedades, a educação formal se iniciou com homens no Brasil, eram os jesuítas, porém, conforme Louro (2002), alguns séculos depois, em 1874, já se percebia um número maior de mulheres em cursos de magistério. Conforme esta autora a feminização do magistério se deu pelo processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para homens.

Pouco a pouco, isso era justificado usando de um essencialismo que a mulher era “por natureza” uma educadora e que a educação não passava de uma extensão da maternidade, tanto que no século XIX este trabalho era visto como uma

ocupação transitória até o casamento e os cursos de magistério passavam a valiosos estágios preparatórios para o matrimônio e a maternidade.

Esperava-se da docência amor, entrega e doação. Algo que seria ligado a uma espécie de “vocação inata encontrada apenas nas mulheres” (LOURO, 2002, p. 450), com isso se justificava a saída dos homens das salas de aula para atividades melhor remuneradas, bem como, a precariza o do trabalho e s lrio referentes ao magistério.

Assim, para Cláudia Pereira Vianna (2002, p. 92):

A primeira decorrência indica que o sexo da docência se articula com a reprodu o de preconceitos que perpetuam práticas sexistas. O processo de feminiza o do magistério associa-se às péssimas condi o de trabalho, ao rebaixamento salarial e   estratifica o sexual da carreira docente, assim como   reprodu o de estereótipos por parte da escola.

Para Vianna (2002, p. 92) soma-se a isso uma “estratifica o sexual, geradora de guetos sexuais na carreira docente”. As mulheres seriam maioria na Educa o Básica, com ênfase para Educa o Infantil, enquanto que   medida que se aproxima do Ensino Superior   presença delas diminui chegando a ser minoria em algumas áreas do ensino superior, em especial nas áreas tidas como masculinas. Apesar do trabalho de Vianna ter sido produzido em 2002, pouco mudou até o momento, e isso pode ser verificado em uma análise da tabela produzida por Carvalho (2018) com base nos dados do INEP:

Tabela 1: PROFESSORES POR SEXO E ETAPA DE ENSINO – BRASIL 2009/2013/2017

		BRASIL		ED. INFANTIL		ANOS INICIAIS		ANOS FINAIS		ENSINO MÉDIO	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
2009	FEMININO	1.535.919	82,7	365.664	96,8	670.359	90,9	577.652	73,6	295.335	64,2
	MASCULINO	321.359	17,3	11.896	3,2	67.474	9,1	207.557	26,4	164.688	35,8
	TOTAL	1.857.278		377.560		737.833		785.209		460.023	
2013	FEMININO	1.644.717	81,5	463.860	96,9	675.710	90,1	570.673	71,1	312.717	61,6
	MASCULINO	372.354	18,5	14.951	3,1	74.656	9,9	232.229	28,9	194.900	38,4
	TOTAL	2.017.071		478.811		750.366		802.902		507.617	
2017	FEMININO	1.683.772	81,0	538.708	96,6	677.219	88,9	527.146	68,9	303.900	59,6
	MASCULINO	395.138	19,0	18.833	3,4	84.518	11,1	237.585	31,1	205.894	40,4
	TOTAL	2.078.910		557.541		761.737		764.731		509.794	

FONTE: Carvalho (2018)

Os dados da tabela 1 apontam que permanecem a predominância das mulheres em todas as etapas da educação básica. Porém, à medida que progredem as etapas de ensino, vê-se uma redução da quantidade de mulheres e o aumento da quantidade de homens. Na educação infantil e nos anos iniciais, a participação das mulheres é, em média, em torno de 90%; nos anos finais e ensino médio, esse percentual cai para valores aproximados de 69% e 60% em 2017 (respectivamente). Já a participação dos homens progride de percentuais abaixo de 4% na educação infantil para percentuais em torno de 40% no ensino médio.

O esquema binário que rege nossa sociedade, que situa o masculino e o feminino, que dá a definição do que é ser homem e do que é ser mulher, professor e professora dificulta novas maneiras de relações sociais. Criam-se vários estereótipos que acabam por interferir ou mesmo bloquear novas experiências. Eros entende a ausência dos homens, sejam eles trans ou cis, na docência como um preconceito, uma questão cultural e social, e relata que quando trocou o curso de Fisioterapia por Pedagogia sofreu uma repressão muito grande por parte do seu pai. Sobre isso ele relata que:

Ele disse: isso não é curso para homem fazer, agora que você se assumiu, assumiu seu papel de homem, como que você vai para docência? Quando eu falei que era o único homem da turma aí que piorou mesmo. Nós

homens (trans) quando assumimos a transição, querendo ou não, assumimos um pouco o papel machista. Por que se a gente for fazer o que a mulher faz, vão achar a gente menos homem. Então a gente enxerga isso de uma maneira preconceituosa. Então é devido a isso que a gente não está tanto na docência, como eu gostaria que tivesse.

O depoimento de Eros evidencia que, na forma de pensar de seu pai, existem carreiras destinadas a homens e outra a mulheres e a pedagogia não é uma profissão a ser desempenhada por homens. Esta forma de pensar converge para os argumentos de Lindamir Salette Casagrande e Angela Maria Freire de Lima e Souza (2016) de que as licenciaturas são vistas como carreiras destinadas as mulheres e as engenharias são redutos masculinos. Eros ainda relata que a maioria das mulheres da sua família são professoras e que a profissão não é muito frequentada pelos homens e que por isso cresceu com o conceito que a docência não era para homens:

Eu evitei por muito tempo à docência, mas fui fazendo fisioterapia estes dois anos e fui vendo que não era isso que eu queria, eu realmente queria entrar para docência.

Assim como Eros, Hermes conta que onde mora no Ceará a profissão de professor não é vista como masculina:

Tem também a questão da ligação que os homens (trans) têm com coisas mais masculinas e dar aula não é considerada por eles uma coisa muito masculina. Essa ideia da tia.

Vários são os motivos que levaram os entrevistados até à docência. Mesmo com todos os rótulos colocados nesta profissão. Apolo relata que na sua infância a brincadeira era ministrar aulas para seus bichinhos de pelúcia. Para ele ser professor é “*ser alguém que transforma a realidade*”. Já para Hermes seu sonho era ser escritor quando ingressou no curso de Letras, porém só no sexto período, quando começou a fazer os estágios que entendeu que provavelmente seria professor e:

foi um choque, mas estava tranquilo porque eu gostava de ser professor já tinha dado aulas particulares e achava legal.

Para Tyr, que iniciou na docência por meio de cursos particulares de inglês, houve mais uma necessidade financeira que com o tempo e o ingresso no mestrado e na militância, se tornou uma vontade:

de estar em sala de aula, levar um pouco da minha história e facilitar um pouco a vida de uma pessoa LGBT que está dentro daquela escola.

Assim como Tyr, Lugh vê na docência a possibilidade e tirar as pessoas “desse mar de problemas do país”. Ele diz que foi a profissão que o escolheu e que projetos sociais de sua escola mudaram sua vida e que ele precisa retribuir. Xangô, mesmo tendo pai professor relata que gostaria de se sustentar com a música, sua primeira profissão. Ele diz que o que o levou a ser professor foi o fato de não precisar se adequar:

nem me vestir de mulher ou alisar meu cabelo para ser professor. Nem pelo meu pai, eu nunca pensei em ser professor, primeiro que se desse para me sustentar com a música eu não teria duas profissões eu ficaria só com uma. Eu gosto da sala de aula, colaborar para emancipação das pessoas, isso me move também, mas eu queria viver de música.

Assim como Tyr, Oxumaré encontrou a docência como sua profissão após o ingresso no mestrado, pois seu Núcleo de Pesquisa fazia visitas a escolas do Ensino Fundamental e Médio para conversar sobre violências contra a mulher, LGBTfobia, masculinidades, etc. Foi convidado a falar num curso de graduação em Biologia e relata:

foi incrível, apresentamos em outra turma dessa professora e naquele dia eu sai sabendo o que eu queria fazer da minha vida.

Alguns entrevistados evidenciaram o preconceito que sofreram ao escolher uma profissão que ainda é vista por muitos como feminina, porém por necessidade

ou vontade encontraram na docência um caminho profissional para suas vidas. A idealização e a preocupação com o outro é apontada pela maioria no caminho da docência.

4.7 OBSTÁCULOS E DESAFIOS DA DOCÊNCIA DE HOMENS (TRANS)

Obstáculo pode ser entendido como algo que impede ou atrapalha o movimento, a progressão de alguém ou alguma coisa, já desafio pode ser visto como algo que estimula, provoca e instiga. Talvez assim mesmo seja a vida profissional dos docentes que são homens (trans), pois muitos são os obstáculos e desafios a serem vencidos nesta trajetória.

Verificamos anteriormente no subcapítulo 4.6, que as docentes (trans) são subordinadas ao controle e a regulação de seus corpos tanto quanto os estudantes (trans) e os desafios verificados por muitas professoras (trans) equivalem ao enfrentado pelos discentes (trans), como por exemplo: o não respeito ao nome social, o correto tratamento em relação ao seu gênero e a dificuldade no uso do banheiro são alguns dos obstáculos enfrentados por essas pessoas no ambiente escolar. Acrescenta-se a isso a dificuldade da inserção na carreira, exposição sem consentimento, entre outras situações que veremos a seguir.

4.7.1 Inserção na Carreira

O primeiro obstáculo enfrentado pelos homens (trans) diz respeito à inserção na carreira. Sobre isso Eros, que na época da entrevista estava concluindo o curso de pedagogia, relata:

Até para conseguir uma vaga no estágio foi difícil. A escola em si tem um medo muito grande da reação dos pais em pensar que uma pessoa

transexual vai lidar com o filho deles. A gente sabe que o preconceito com os pais é muito maior.

Eros, porém, informa que pretende mostrar-se aberto para conversar e ouvi-los, verificar o que passa pela cabeça deles. Acredita que o diálogo pode ser a melhor solução: *“Para eles verem que não tem nenhum bicho de sete cabeças nas pessoas (trans)”*. Este relato converge ao que Xangô, que é professor universitário, respondeu quando perguntado se ele acredita que ser um homem (trans) cria algum empecilho para inserção ou permanência no trabalho docente? Ele responde:

Acho principalmente para os homens (trans) que vão trabalhar na educação infantil é uma dificuldade muito grande, porque os pais ficam naquela de como vão explicar para seus filhos. As crianças precisam saber que tem pessoas cis e pessoas trans, mas para, além disso, tem ali um professor.

Já Hermes, que é professor substituto de Português, da rede municipal de Fortaleza, em regime de contrato temporário de dois anos, informa que foi oficialmente o primeiro professor homem (trans) desta rede de ensino e que enfrentou dificuldades para utilizar o nome social:

No dia da lotação chamaram o nome da fulana, porque é o nome que estava lá cadastrado, porque eu não tinha documento (retificado) ainda. E quando eu sentei lá, a mulher olhou para mim e disse: ‘professor não pode ser você tem que ser ela, é sua esposa?’ Eu tive que explicar para mulher e ela continuou não entendendo e perguntou: ‘como você conseguiu se cadastrar com este nome?’ Disse: é o nome social e eu tive que explicar de novo que o meu nome social era Hermes, e ela não sabia o que fazer comigo, porque não tinha registro de nenhuma pessoa (trans), nem homem nem mulher, trabalhando na rede municipal. Na rede estadual tem, eu conheço várias pessoas, mas na municipal não tinha, então oficialmente eu era o primeiro, então ligaram para o jurídico do RH da prefeitura para saber o que fazer. Disseram: ‘não tem o que fazer, os documentos estão com este nome, mas quando chegar na escola pede para ser chamado pelo outro’. Foi o que eu fiz, mas na escola também não entenderam.

Seja em estágios, contratos temporários ou mesmo em concursos públicos é fato que os empecilhos aparecem. Oxumaré, que é professor concursado, em uma

instituição pública federal, relata que teve que fazer *cisplay*³⁷ na banca do concurso, ou seja, fingir que era uma não trans.

Quando eu fui fazer o concurso eu fiz cisplay, cosplay de cis. Eu me montei de mulher, coloquei uma calça jeans, uma camiseta, tirei a barba e o binder³⁸, isso foi mais pesado. Eu passei por cotas e quando eu cheguei lá eles perguntaram se eles teriam que fazer um banheiro só para mim e de onde ia sair esse dinheiro e porque o burro tinha que cair justamente lá porque eu era cotista. Então tudo que eu faço eu tenho que fazer cem mil vezes melhor que qualquer pessoa e isso é muito cansativo. Porque as pessoas não estão trabalhando, não estão estudando e estão sorrindo com aquele sorriso condescendente, porque racismo é foda.

Quando perguntam a Oxumaré sobre a necessidade de fazer um novo banheiro e de onde sairia este dinheiro nós vemos bem claro a face da transfobia e de todo o desconhecimento básico que existe por trás de qualquer preconceito, mas vai além porque Oxumaré não é apenas um homem (trans), mas um homem (trans) negro que expõe: *“eu passo por mais casos de racismo do que transfobia”*. Sendo a questão interseccional entre gênero e raça de suma importância. Quanto ao *cisplay* Fernanda Martinelli et al. (2018, p. 358) apontam como um mecanismo de sofrimento e violência: *“abdicar-se de sua própria identidade, vivência e experiência trans para conseguir oportunidades”* e informam que:

a prática do cisplay, refere-se portanto, ao que uma pessoa trans faz quando finge ser cisgênera para evitar passar por algum constrangimento, assédio e/ou discriminação. Difere-se da passabilidade pois esta última não necessariamente é intencional. (Fernanda Martinelli et al., 2018, p. 357)

Assim das dificuldades iniciais e não menos violentas pontuadas estão desde conseguir um estágio, passar em uma banca de concurso até regularizar o nome social. Segue as dificuldades encontradas no percurso da carreira dos docentes (trans).

³⁷ Palavra do movimento social unindo os termos *cis*, pessoa não trans, com *cosplay*, abreviação de *costume play* ou ainda de costume que pode traduzir-se por representação de personagem a caráter, disfarce ou fantasia.

³⁸ Binder é uma faixa de contenção utilizada para diminuir o volume dos seios.

4.7.2 Carreira

Em relação ao uso do nome social já verificamos a dificuldade de Hermes em lidar com recursos humanos do sistema educacional do município de Fortaleza, no Ceará. E como para eles a solução “simples” era o professor chegar à escola e pedir para ser chamado como gostaria. O que se mostrou, na verdade, bem complexo e constrangedor. Vejamos o relato dele sobre este momento:

(...) na escola também não entenderam. A diretora e a coordenadora sentaram para falar comigo. A diretora chegou e disse: ‘você não acha melhor deixar esse negócio de trans para depois, outra hora, quando você já tiver com cabelo comprido, já usando batom e com uma aparência feminina?’ Mostrei a foto da minha identidade, tive que explicar e foi difícil falar o que era um homem (trans) porque ela não sabia e falar que meu nome social era Hermes. Foi uma briga porque não queriam pôr meu nome social no ponto dos professores, mas aí acabou que deu certo. Ajeitaram tudo e eu passei o ano usando o nome social.

Cabe ressaltar que esse estranhamento, este não saber o que fazer pode ter como base o ineditismo da situação e não necessariamente, má vontade ou preconceito. No caso de Hermes, no momento da entrevista, faltava apenas o título de eleitor ser retificado. Assim como Hermes, Lugh vê na retificação do nome e gênero nos documentos uma possibilidade de paz e relata que procurou o CREI – Centro de Referência Estadual da Igualdade, da sua cidade, porque queria “*que as pessoas vissem meus documentos e eu como uma coisa, como a mesma pessoa*”. Lugh relata que na época havia sido bastante injustiçado em uma escola que trabalhava e algumas pessoas indicaram o centro para tratar desta questão, que na época, era principalmente, “mudar o nome”. Quando perguntado, se a comunidade escolar na qual estava inserido na atualidade sabia que ele era um homem (trans), ele respondeu:

Não toda, porque quando eu comecei a trabalhar lá eu não tinha a retificação dos documentos, mas eu já tava com processo na justiça e tudo mais e aí algumas pessoas da parte da gestão sabiam da transição, mas os estudantes não, até pela questão do físico e eles não têm acesso à documentação e alguns professores também não. Quando eu comecei, eu pensei assim: que o sofrimento é opcional. E aí eu fui para uma escola que a carga religiosa era muito grande, então a forma de me blindar, curtir uma

profissão que eu gosto, de trabalhar lá dentro de uma maneira agradável eu preferi contar de fato para as pessoas que poderiam contribuir para o meu crescimento lá dentro, para as pessoas que não tinham importância alguma saber eu deixei de fora. E aí deu certo.

Já Tyr, optou por alterar só o prenome e não o gênero, por gostar da identidade trans e não querer seu apagamento, mas também denuncia que os principais motivos para isso foram:

um homem cis com documentos masculinos não consegue acessar serviços de ginecologia pelo SUS. E isso é absurdo. Porque eu preciso entrar com um pedido, tem casos que precisa de liminar para ser atendido pelo SUS na ginecologia com o nome retificado, já tem uns três/quatro casos no Brasil. E também que se formos presos, por exemplo, eu vou para um presídio masculino, se retificar o gênero eu preciso tomar alguns cuidados. Isso tudo são denúncias, porque o sistema e a estrutura precisam se adequar aos corpos que existem.

Como lido, por vários motivos, Tyr escolheu a não sincronia entre nome e gênero e relata que não sofreu para utilizar seu nome social enquanto professor de idiomas na rede particular na qual trabalhou recentemente:

Realmente, eu não tive problema nenhum. No meu armário professor Tyr, os alunos, alunas e colegas sempre me respeitaram e entenderam que eu era um homem (trans) e eu não tinha nenhuma modificação corporal.

Já Xangô, que é professor universitário, escolheu esperar para retificar seus documentos porque:

quero finalizar meu doutorado e passar num concurso, porque é um processo muito longo eu vou ter que alterar toda a trajetória acadêmica desde o primário.

Xangô ainda não sabe se irá alterar apenas o gênero ou o prenome também. Entende que para muitas pessoas ele vive um “lugar andrógino”, porém sabe que nada disso interfere na sua masculinidade e relata haver um respeito por parte do seu alunado quanto à utilização de linguagem correta ao seu gênero.

Assim verificamos que muitos homens (trans) querem a retificação no nome e gênero nos documentos, porém isso não abrange a todos por vários motivos, nasce daí, o reconhecimento da importância do nome social. Oxumaré que não tem nem o nome e tampouco o gênero retificado em seus documentos relata:

Eu não tenho problema nenhum das pessoas saberem meu nome de registro. Para mim é muito prazeroso chegar ao aeroporto e eles verem o documento, minha assinatura reconhecida no cartório e meu nome de registro e então eu causo uma confusão social que é muito interessante para mim.

Assim como Tyr, Oxumaré mantêm seu nome e gênero como denúncia e protesto, porque para ele não há possibilidade de se “cristalizarem identidades”, dizer que pessoas são uma coisa ou outra por causa de um documento ou uma cirurgia. Oxumaré relata que teve seu nome de registro exposto em uma prova na instituição federal que trabalha e suas alunas se recusaram a fazer a avaliação até a alteração.

Alguns homens (trans) preferem viver no anonimato, para muitos “o sofrimento seria opcional”, como já colocado por Lugh, porém percebemos o embate entre a questão da passabilidade e a militância, pois enquanto alguns mantêm sua identidade transexual como protesto outros optam pelo apagamento total dessa identidade por variados motivos. Vejamos o relato de Apolo que era professor de inglês numa escola de idiomas relata:

Eu passei perrengue com o dono da escola que falava agora que você mudou... isso e aquilo. Eu falei que isso não lhe interessava e lhe pertencia. O que interessava era eu cumprir meu horário e fazer minhas coisas. Aí eu brigava com ele, tinha altos e baixos, porque ele era um tipo de pessoa que: ah! Você virou. Eu não virei nada eu sempre fui e isso não te diz respeito. Sabe? Meus colegas de trabalho não sabiam e muitos se sabiam era porque ele contou.

Assim como Lugh, Apolo ao comentar sobre sua peregrinação para retificar seus documentos relatou que ao tirar sua carteira de reservista com 30 anos, não explicou nada apenas informou que tinha fugido do exército e diz: “*porque tem horas que você tem que se poupar do sofrimento*”. Mas muitas vezes este sofrimento de

ser exposto sem consentimento os acompanha como é o caso de Hermes, que mesmo já tendo informado sua identidade de gênero sofria com a direção da escola que trabalhava e relata:

Ela me engolia porque não tinha outra opção, mas ela não fazia isso 100% de boa. A diretora chegava à sala dos professores quando faltava algum professor e eu estava de planejamento e ela queria que eu assumisse a turma, o que não pode é ilegal, mas ela fazia meio que uma guerra psicológica comigo dizendo que outras escolas talvez não me aceitassem e eu caía porque era a primeira escola que eu estava dando aula e eu tinha medo de não conseguir outra escola. Então ela chegava na sala dos professores gritando meu nome civil antigo: 'Onde que a fulana ... Fulana... Fulana... Você tá na sala tal' Aí ela virava e eu fazia de conta que não era comigo aquilo e os outros professores olhavam aquilo e achavam estranho.

Como foi observado por Santos (2017), e já citado anteriormente, é comum às professoras (trans) a necessidade de mostrar o tempo todo que são boas o suficiente para ficar nas suas funções, bem como, muitas continuam os seus estudos e se especializam cada vez mais a fim de negociar suas presenças nas instituições em que trabalham. Quanto aos homens (trans), 3 (três) dos 7 (sete) entrevistados relataram a mesma aflição. Xangô quando perguntado sobre o que é ser um homem (trans) docente, responde:

É ser um bom profissional e provar a cada dia que você é bom. E não relaxar, porque as pessoas esperam qualquer deslize para te desqualificar.

Esta realidade é corroborada pelo relato de Hermes, que informou que na escola em que trabalhava além dele, os professores gays e as professoras lésbicas sofriam com a LGBTfobia da diretora: *“tinha que andar muito na linha porque qualquer coisinha ela explodia”*. Apolo resume bem as vivências das pessoas transexuais: *“uma pessoas trans tem que ser três vezes mais tudo”*.

Não a toa que muitos professores (trans) optam por passarem despercebidos nesses ambientes, o que não é possível acontecer, na maioria das vezes, com as professoras (trans). O ideal seria uma sociedade sem transfobia na qual não houvesse a necessidade dos homens (trans) se tornarem invisíveis para se encaixarem no padrão estabelecido pela sociedade cisheteronormativa.

Oxumaré quando perguntado sobre por que existem mais professoras (trans) do que professores (trans), responde:

Eu não acho. Eu conheço mais professores (trans) do que professoras (trans) e acho que as mulheres (trans) não aceitam para serem professoras de jeito nenhum e as meninas que eu conheço são colocadas para trabalhar nas secretarias. As pessoas querem tirar as meninas das salas de aula de qualquer maneira e elas tem que ser muito resistentes para se manter em sala, enquanto que homens (trans) eu não conheço nenhum caso que pediram para eles saírem de sala de aula e trabalhar nos bastidores (...) E tem muitos amigos meus que são trans e para trabalhar em escolas eles não dizem que são trans, então eles fazem cisplay dentro da escola também. Então nós temos mais invisibilidade e elas mais voz, mas é uma questão histórica, porque as minas trans estão aí há muito tempo e a gente não tem um movimento forte igual elas tem e tudo bem, porque a gente está criando esses espaços e ocupando. E nós só podemos ser professores (trans) porque essas minas abriram as portas e obviamente porque nós temos o privilégio da masculinidade. Você assume um lugar de poder, isso é foda. Frente às mulheres (trans) eu acho que não, mas frente a essa sociedade sim.

As dificuldades encontradas pelos homens (trans) são várias e demarcam novamente o uso do nome social e o adequado tratamento de gênero, além da exposição sem consentimento, a cobrança além do necessário por quais esses profissionais passam, bem como, a vontade de sumir na multidão para evitar diversas dessas situações. Vejamos a seguir como é a relação desses profissionais com a comunidade escolar para além dos seus colegas.

4.8 PROFESSORES (TRANS) E O CORPO DISCENTE

Franco (2014, p.148) em sua tese intitulada “*Professoras Trans Brasileiras*” demarca que encarar os pais e mães dos/as estudantes como primeiro obstáculo na vida docente das professoras trans é um equívoco, pois com as suas entrevistadas pode perceber que o primeiro entrave é mesmo o corpo docente e gestores/as, ou seja, os/as colegas de trabalho.

Torres (2012, p. 287) em sua tese “*A Emergência de Professoras Travestis e Transexuais na Escola*” viu nos/as colegas de trabalho “uma relação bastante contraditória, de cooperação e exclusão, sendo que prevalece a última”, já com o

corpo discente a “uma dinâmica em direção ao reconhecimento das professoras trans, com algumas questões pontuais”

Assim quando analisamos as narrativas anteriores dos professores (trans) foi inevitável não perceber que a maioria dos relatos caminhou num contíguo com a conclusão feita por Franco (2014) e Torres (2012), pois muitos foram expostos em sua condição de transexuais sem consentimento, não tiveram seu nome social e correto tratamento de gênero respeitados e sempre isso deu pelos seus pares, ou seja, outros professores/as, equipe pedagógica ou diretiva. E não houveram relatos relacionados aos pais, mães e responsáveis num apagamento que demarca realidades. Desde modo, em sequência analisaremos a relação destes professores com o corpo discente.

O censo realizado pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), em 2017, com 90 profissionais da educação sobre a fonte da transfobia mostra que são múltiplos os autores, porém segundo Cantelli e Nogueira “a maior violência é originada na própria classe da docência” (2018, p. 15), os/as professores/as aparecem como fonte da violência em 27% dos casos e somam-se a isso os gestores com 19% dos casos. Já os estudantes aparecem como 22% da taxa de transfobia. Este estudo foi feito com mulheres (trans), homens (trans), travestis, não binários e sem rótulos.

No que se refere aos entrevistados desta pesquisa cinco relataram ser mais fácil à relação com estudantes. Apolo relata:

As pessoas acham que criança é um bicho de sete cabeças, mas a criança é aberta para que o outro é. Exemplo: se chegar uma travesti para uma criança ele vai chamar de moça, aí os outros que ficam na cabeça da criança que é homem. Para criança o que ela viu, ela viu. Se eu chegar para criança e ninguém falar nada, é tio e pronto. A criança não questiona a criança não tem um vício. O vício social dos pré-julgamentos e dos preconceitos. Ela tem um mundo que ela vive então é muito mais fácil trabalhar isso com as crianças.

O mesmo foi relatado por Hermes que contou:

Os alunos mais velhos de 7º e 8º anos, alguns perceberam inclusive uma aluna chegou para mim e perguntou: ‘você é professor ou professora?’ Eu

disse: sou professor. 'Ah tá certo' Não tem tempo ruim com eles, eu sou homem, pronto acabou. Adulto é mais difícil.

Importante ressaltar que desses 5, apenas 1 tem uma relação aberta sobre sua transexualidade com os estudantes: Xangô que é professor universitário. Observa-se também que não há um ocultamento total da transexualidade, pois muitos dos entrevistados relatam não querer esconder, apenas não acham necessário falar sobre isso no ambiente profissional.

Foi perguntado também aos professores se tinham ou tiveram com contato com alunos/as transexuais. Lugh que é professor de Artes e tem contato com estudantes do Ensino Fundamental e Médio relata:

Eu tive mais sem a pessoa saber que era. Tenho contato com alunos/as LGBT e eles sofrem com isso e eu tento lidar de alguma maneira. Ano passado eu tive um aluno que estava no sexto ano, entre 10 e 11 anos, e ele se tratava no feminino, não posso dizer que era porque ele não se assumiu, mas em produções textuais ele sempre se tratou no feminino. E mãe também falava, na verdade dizia que ele era gay, mas ele dizia que não era gay, que gostava de menina e gostava de ser uma menina. Então tentamos fazer um trabalho com a mãe que desprezava muito e encaminhar para o CREI, que oferecia auxílio gratuito, mas não sei se ela levou, mas ela pegou a transferência e eu não sei o que aconteceu com ele. Este ano tivemos uma menina que ainda estava muito confusa, porque ela gostava de ser menina, mas não gostava dos seios e queria tirar e não se entendia lésbica e queria tirar os seios e se vestia como menino dentro do estereótipo, mas não disse embora eu perguntasse e mostrasse algumas coisas ela não se posicionou, talvez pela idade ou pela família, mas ela também pegou transferência, então não sei o que aconteceu.

Hermes que é professor de Português no Ensino Fundamental, diz ter tido contato com duas alunas (trans):

Uma não era assumida e outra era super assumida e com passabilidade, mas eu não sabia que ela era trans. Um dia eu fui dar aula nessa sala e eu ela tava andando pela sala e eu disse: moça se sente e os outros começaram a rir, e eu pensei o que foi que eu falei? Um gritou lá de trás: é homem professor. Era uma menina não tinha como chamar de homem e depois eu fiquei sabendo no final do ano que ela tinha abandonado a escola e estava se prostituindo. Não tinha apoio nenhum em casa e na escola e não podia solicitar nome social na escola, porque a lei aqui é um absurdo, permite o uso de nome social nas escolas públicas, mas a mesma portaria diz que você precisa da autorização dos pais, então ela não podia usar o nome. E tinha essa outra aluna trans que ela não era assumida e usava ainda o nome civil e para todo mundo era o 'viadinho' da sala. Este

ano ela se assumiu completamente e não teve nenhum problema na escola. Eu tenho contato ainda com outros professores porque eu fiz muita amizade e não tem problema nenhum com os alunos, nenhum, porque simplesmente aceitaram ela. As crianças são mais abertas do que os adultos, e como a família apoia e a mãe é louca por ela, a mãe pediu o nome social, totalmente encaixada, mas a outra, última notícia que eu tive dela, até pela coordenadora, infelizmente foi que ela entrou para prostituição e ela é muito novinha, 16 anos.

Nos dois relatos percebemos os papéis da família no que se refere ao destino desses estudantes (trans). Vemos: negação, exclusão e apoio, que serão muitas vezes, fundamentais para o futuro dessas pessoas. No próximo relato temos Tyr que, por muito tempo, foi professor de Inglês em cursos particulares e denuncia que nunca teve contato com estudantes (trans):

Tive bastante contato no geral, mas com alunos não, me deparei com muitas meninas lésbicas, muitos meninos gays super afeminados, mas nunca com trans e isso também é uma denúncia, porque nesses espaços de educação escolar, por exemplo, que eu dava aula de inglês eu sempre fui à única pessoa trans, porque dentro desses espaços as pessoas trans não se sentem confortáveis, para se colocarem enquanto tal. Falta ainda mega acolhimento da comunidade escolar em geral, é muito fácil para mim, eu já posso dar algumas carteiradas, tenho mestrado e doutorado, estou ocupando uma função que é considerada uma posição hierárquica. Então mesmo que alguém pense alguma coisa, vai pensar duas vezes, não vai falar na minha cara, mas ainda é um espaço muito hostil.

Xangô relata que na faculdade em que trabalha não teve contato com estudantes (trans), porém enquanto professor de Português do Ensino Fundamental, antes de ser professor universitário, sim:

Eu tive uma aluna (trans), mas na época eu não sabia reconhecer isso. Se eu tivesse a consciência que eu tenho hoje eu teria a ajudado tanto. Ela já usava o nome social e tudo e eu não sabia o que era senão eu teria respeitado. Eu estava iniciando a carreira e foi a minha primeira turma formal numa escola, sexta série. Ela faltou muito e chegou a abandonar a escola, os colegas eram hostis com ela e era motivo de chacota. Eu não consegui proteger ela, hoje seria diferente. A escola é hostil, a família não aceita e o lar também se torna hostil. Essas pessoas vão para rua ou para lugares onde pessoas não estão nem aí, elas são crianças.

Nos dois últimos relatos vemos a ausência dessas pessoas em cursos de idiomas e universidades e em sequência o relato emocionado de Xangô em

consonância com o relatado por Tyr em como o ambiente escolar pode ser agressivo para com estudantes (trans). A seguir analisaremos a prática pedagógica dos professores (trans) e se há um enfrentamento destes em relação à realidade exposta anteriormente.

4.9 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES (TRANS): DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE

Franco (2014, p.169) em sua tese sobre professoras (trans) brasileiras dedica uma parte de seu trabalho a análise das práticas pedagógicas dessas docentes a fim de verificar, dentre outras coisas, se estas educadoras “desencadeiam possibilidades de estruturação de novas formas de ensino e aprendizagem no que se refere à discussão sobre gênero e sexualidades?” E chama atenção para que se “os saberes são construídos podem ser redimensionados”. (FRANCO, 2014, p. 176)

Seguindo esta linha foi perguntado aos entrevistados se estes abordavam questões de gênero com seus/suas estudantes, mais propriamente ao que se refere à transexualidade. Assim obtivemos algumas respostas como a de Eros que apesar de trabalhar com a educação infantil diz:

As pessoas tem um medo de abordar o assunto de ter conhecimento. Acho importante a gente estar abordando este assunto, desde crianças pequenas. A gente vê que as crianças pequenas tem uma inocência muito maior que os adolescentes e as crianças de 10/11 anos. Então é mais fácil a gente abordar com eles, não diretamente, porque eles não vão entender os termos, mas só o fato de eu ser um professor transexual já vai despertar curiosidade e interesse. Então eu já posso ir abordando o tema de forma cautelosa para que eles possam ir crescendo com isso, que existem pessoas (trans).

Já Hermes que trabalha com a disciplina de Português com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental diz “*que não dá, nem teria como, porque as aulas de Português você tem que manter 45 alunos prestando atenção e ensinar alguma coisa.*” Ele relata não ter abertura e não ter tempo para isso.

Para Louro (1997, p. 64). “É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem”. Para esta autora precisamos estar atentos a tudo que perpassa nosso ensino: “currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação” (LOURO, 1997, p.64), pois são seguramente lugares de construção de diferenças, sejam de gênero, sexualidade, etnia ou classe e por isso precisam ser colocados em xeque. Cabe destacar que em português há a elaboração e interpretação de texto nos quais a temática pode ser abordada. Vejamos o relato de Tyr:

Sim, eu dei aula muitos anos em escolas com método bastante fechado, então não é o professor que constrói a aula ela já vem pronta, mas eu trabalho com o método de letramento crítico, então toda a pedagogia de qualquer conteúdo a ser ministrado, vai ser perpassado pelo viés crítico. Então mesmo não se declarando hoje vamos falar sobre gênero ou transgeneridades a gente consegue inserir esses assuntos com certa facilidade nas aulas que já estão prontas, então, por exemplo, hoje a gente vai estudar família, a gente vai sempre naquela foto do papai, mamãe, filho e filha, a gente está falando de gênero e mantendo uma estrutura funcionando. Agora quando apresentamos três, quatro, cinco estruturas de família, você não precisa explicar, porque eles conseguem pensar por conta própria, já é uma super sacada. Em uma aula tinha que levar uma foto de uma pessoa que é referência para você e explicar porque, eu levei a foto da Linn da Quebrada, na outra sala eu expliquei a Preta Rara, uma rapper e mega palestrante que lutou muito pela causa das empregadas domésticas, historiadora, professora de história é uma mega referência. Então é possível mesmo em tempos tenebrosos que estamos vivendo, que periga a gente ser denunciado por falar a palavra gênero em sala de aula, ter outras opções em sala de aula que representem a diversidade. Porque aquele livrinho com papai, mamãe e filhinho todo mundo branco não representa ninguém e só atrapalha a vida das pessoas, então a gente precisa oferecer mais do que a gente tem oferecido em termos de sala de aula.

Na prática pedagógica de Tyr vemos a possibilidade de reconstrução do conhecimento em prol da diversidade não só de gênero, mas também no que se refere a sexualidades e afetividades e um alerta que mesmo em tempos “tenebrosos” de “denúncias” sobre qualquer abordagem alusiva a gênero ainda podemos usar a criatividade e reinventar novos métodos. Apolo, que assim como Tyr, foi professor de inglês em cursos particulares abordava a questão nos temas transversais e procurava o debate dos estudantes e relata:

As pessoas acham que falar de sexualidade com criança é falar de sexo, gente para com isso que não é nada disso. É ensinar o corpo, para ela entender quando for vítima de alguma violência. Falar e expressar que alguém só tem que tocar nela com a permissão dela, dela ter autonomia do seu próprio corpo. É isso que é sexualidade. É muito complicado porque a gente vive num país que tá querendo retroceder para Idade Média. E aí fica complicado quando você não tem plano municipal, estadual ou federal que dê respaldo para essa discussão. Fica muito por debaixo dos panos, então eu entro com o tema transversal, eu entro no sentido de conversar, mas não tem nenhum subsídio ou amparo legal. Hoje professor tem que estar com medo dele receber uma convocação para ele pagar uma indenização se ele tocar em determinado assunto, sendo que isso não tem prerrogativa jurídica nenhuma, mas até o professor parar para raciocinar ele fica com medo, dependendo da formação que ele tem ou da localidade que ele atua. Então são meios de coerção que a gente tem que tomar cuidado. Curso de idiomas é um pouquinho mais fácil, mas a censura vem da coordenação e direção, afinal de contas é uma instituição privada que visa o lucro. Se você tocar em determinados assuntos o aluno contar de forma deturpada e o pai não gostar você que esta demitido. Na escola pública é aquelas notificações que você tem que tomar cuidado. No ambiente universitário é mais tranquilo dependendo do curso que você esteja inserido, se for ciências exatas: socorro, se for de ciências humanas e sociais se tem a premissa de ser mais fácil, mas depende da instituição que você esteja inserido. Então a gente esta neste campo minado: de até que ponto a gente pode tocar no assunto. Até que ponto o assunto é válido porque você tem restrições tanto do corpo administrativo da escola quanto do próprio corpo docente que não tem a devida à formação nestas áreas e coloca religião e coloca seu moralismo.

Assim como Tyr, Apolo relata a dificuldade de se abordar gênero na atual realidade brasileira e fala sobre a importância de se discutir sexualidade com os/as alunos/as, a fim de, tentar evitar que estas crianças sejam vítimas de violência sexual.

Richard Miskolci (2005) em *“Um Corpo Estranho na Sala de Aula”* também aborda as práticas educativas comprometidas com a diversidade sexual e suas conclusões podem ser usadas também no que tange as questões de gênero quando escreve que: “o educador pode abordar questões de sexualidade com base em situações do dia-a-dia na sala de aula, em assuntos em pauta na mídia” (MISKOLCI, 2005, p. 23). Lugh relata:

Quando eu cheguei na escola, apesar de ter uma grande parte de professores homossexuais, havia muito preconceito por parte dos meninos, aquele preconceito que até era inconsciente. Falavam como se fosse uma realidade muito distante da deles, mas eles tinham professores, ‘eu respeito meu professor, mas uma pessoa estranha eu não respeito’, falavam assim. Então tinha a necessidade da gente agir naquele espaço, que é um espaço de formação. Então desenvolvemos alguns projetos, levamos homens (trans) para dar palestra e mulheres (trans) para falar e os meninos

passaram a ter uma imagem diferente, porque a imagem que eles tinham era o que a TV vendia, e o que as ruas vendem infelizmente, porque era uma parte muito grande das trans que estavam nas ruas se prostituindo. Então era o que eles achavam que era. Usamos na escola o documentário que o Fantástico fez e eles passaram a entender um pouco mais, e que a questão da transexualidade não te obriga a ir para rua e que apesar de você ter um gênero fora do padrão você pode ter uma formação e uma instrução. E algo legal do projeto é que eles perceberam que muitas trans e meninos (trans) não terem formação é pela rejeição familiar. E com isso a gente conseguiu, eles perceberam que sem o apoio da família, e não tem porque a família não apoiar, já que pessoa nasceu naquele lugar, faz parte daquele lugar, sem aquele apoio eles provavelmente ficariam as margens da sociedade e eles conseguiram entender e ao final do projeto eles questionaram muito a rejeição familiar,: 'como pode uma mãe rejeitar seu filho', e eles tomaram partido e pegaram essa dor para eles e que não havia motivo nenhum para família rejeitar. Era a mensagens que a gente queria que eles entendessem e aos poucos a gente conseguiu essa conscientização.

Assim Lugh relatou que muito do que a TV passa é estereótipo e em casa preconceito, assim a escola de um modo imparcial deve abordar alguns temas sem impor e com respeito:

Porque mesmo eu sendo homem (trans) eu nunca cheguei impondo a minha opinião, sempre mostrei as duas faces para que eles sozinhos pudessem chegar ao entendimento do que é certo ou não, do que é justo e do que é injusto. Porque é difícil a gente impor, eu trabalho sempre com o respeito. Se na escola se trabalhasse mais com a questão de gênero nós teríamos muito mais jovens vivos. Jovens que se suicidaram na escola, se suicidaram por causa da família. Se a escola que é responsável pela formação social se isenta desse papel ela é responsável. Se eu tivesse escutado na escola sobre transexualidade, orientação sexual, sobre o que for em relação a isso, talvez minha vida tivesse sido mais fácil, talvez eu tivesse iniciado minha transição mais cedo, talvez eu não tivesse lutado contra mim por muito tempo. Quantos jovens nós perdemos por falta de instrução. Quantos jovens a escola mata? Por que não tem respeito. Um professor que tem uma religião e impõe isso, outro que faz piadas, porque tem muito disso. Porque tem professor que não está preparado para receber um aluno gay ou trans. A escola está despreparada e apegada a conteúdos, meramente conteúdos, e esqueceu a formação social. Enquanto educador a gente podia salvar mesmo muitas vidas, se tivesse uma política mais direcionada para formação e discussões dentro da escola, porque hoje é livre, nós temos políticas, mas não nos obrigam falar sobre e cada professor fala o que bem quiser.

Xangô relata que trabalha com produção de textos voltados para temática de gênero na faculdade em que trabalha e Oxumaré que é professor de História da Moda em um Instituto Federal relata que aborda a questão da misoginia e padrões de gênero:

eu mostro que o que é ser homem ou mulher é determinado pelos padrões culturais de uma época e a minha pegada é racial também porque eu foco no cultural e racial e consigo mostrar que nem toda sociedade tem dois gêneros. Por exemplo, a Índia que tem padrões bem estabelecidos, inclusive de vestimentas para dizer quem é homem, quem é mulher e quem não é nenhum dos dois.

Deste modo da educação infantil ao ensino superior passando pelo técnico é possível e necessário mesmo em tempos tenebrosos usando a criatividade reinventar nossos currículos e nossas práticas, a fim de, mostrar que a diferença, nas palavras de Miskolci (2005, p.25) “não precisa ser uma marca, uma categoria ou um estigma, mas algo que nos faça repensar modelos que nos aprisionam em um binarismo de gênero que já não se sustenta”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar essa dissertação e fazer a pergunta de praxe: quais foram os resultados alcançados? Com certeza a primeira resposta é uma professora e pesquisadora melhor. Novas amigas e novos ambientes foram descobertos. Um mundo de novas possibilidades e a certeza que é urgente que quem está do lado de cá, comigo pensando um mundo mais diverso e mais humano precisa se dar a mão, sem inocência, apenas um apelo às práticas menos egocêntricas e rivais de pesquisa.

O objetivo dessa pesquisa foi investigar como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência. Para isso antes foi necessário fazer um levantamento bibliográfico que teve como intuito mostrar que os entendimentos sobre sexo e gênero são fruto de um devir sócio histórico em constante modificação. Pretendeu-se também com isso demonstrar que o gênero tem uma relação intrínseca com discursos e tecnologias que incidirão nos corpos. Deste modo foi possível perceber como a *internet* e as mídias em geral são importantes para tecer identidades antes fadadas à abjeção. E que a descoberta do termo transexualidade trouxe um novo entendimento para vida desses homens antes embaralhada com a lesbianidade masculinizada. Dois professores trans chamaram atenção para as armadilhas do gênero, dos dimorfismos construídos e das normalizações das quais muitos homens (trans) são vítimas e como é importante a liberdade, mas também desconstrução de algumas situações de imposição ao que se refere às masculinidades e feminilidades. Sobre a transexualidade alguns dos entrevistados a entendem como uma essência, como relatado por Apolo, e outro Oxumaré a pontua como uma experiência de gênero.

Também foi analisado como se deu a experiência dos transexuais como discentes e docentes, a fim de marcar semelhanças e diferenças no que diz respeito a estudantes, professoras e professores transexuais. Verificou-se que a abjeção ainda é reservada a estes corpos trans, mesmo quando estes são de docentes, assim como os/as discentes, as professoras trans são, muitas vezes, apenas toleradas, como mostra a bibliografia usada como base, e tem os mesmos desafios

enfrentados pelos/as estudantes: como o respeito ao nome social, o uso do banheiro de acordo com sua identidade de gênero, o tratamento de gênero adequado, etc, porém cabe avaliar que apesar dos desafios serem os mesmos o modo como ocorre o enfrentamento é diferenciado, pois nas hierarquias escolares os/as docentes gozam de privilégios que os/as estudantes não têm, além da própria maturidade geracional.

Assim no caso dos homens (trans) entrevistados vemos episódios de transfobia e evasão escolar em suas trajetórias. Evasão essa que necessita ser marcada como uma expulsão resultante das violências sofridas por eles. Suas “trajetórias não lineares” e insistentes mostram uma resistência e como o reconhecimento das suas identidades de gênero, o uso do nome social, o apoio familiar e institucional escolar, fizeram a diferença em seus percursos enquanto discentes. Deste modo, antes de identificar tabus, desafios, obstáculos, enfrentamentos, resistências e conquistas que permearam as trajetórias profissionais dos homens (trans) docentes, também objetivos desta pesquisa, demarcamos algumas dessas situações no que se refere à entrada destes no mercado de trabalho antes de serem professores, para em sequência entender o que os levou a área educacional e como se deu está inserção.

O mercado de trabalho, assim como a escola, ainda impõe aos “desviantes da norma” severas sanções e exclusão. Os depoimentos evidenciaram que embora não haja um requisito legal de passabilidade e retificação de nome, há uma obrigatoriedade de fazê-lo para se inserir no mercado de trabalho e se manter no ambiente educacional. Além disso, alguns entrevistados informaram o preconceito que sofreram ao escolher uma profissão que ainda é vista por muitos como feminina, porém por necessidade ou vontade encontraram na docência um caminho profissional para suas vidas.

A idealização e a preocupação com o outro é apontada pela maioria no caminho da docência. As dificuldades iniciais e não menos violentas pontuadas estão desde conseguir um estágio, passar em uma banca de concurso até regularizar o nome social. As dificuldades encontradas pelos homens (trans) ao longo da sua carreira enquanto professores são várias e demarcam novamente o uso do nome social e o correto tratamento de gênero, além da exposição sem

consentimento, a cobrança além do necessário pelos quais esses profissionais passam e também a vontade de sumir na multidão para evitar diversas dessas situações. Muitos no fim optam pela invisibilidade dada a eles por condições hormonais, alteração corporal e retificação de documentação. Essa invisibilidade pode evitar a dor individual, porém não contribui para que o preconceito diminua e tampouco contribui para que o caminho dos que virão na sequência seja menos doloroso. O enfrentamento às situações de preconceito, embora difícil, é um posicionamento político essencial para o fortalecimento dos homens(trans) enquanto categoria.

De tal modo quando analisamos as narrativas dos professores (trans) percebemos que na maioria dos relatos o preconceito se manifestou por meio de seus pares, ou seja, outros professores/as, equipe pedagógica ou diretiva. E não houve relatos de preconceito relacionados aos pais, mães e responsáveis o que pode indicar que o problema não está nos familiares e sim nos profissionais da educação. Cabe destacar que nem todos/as os/as docentes manifestam preconceito com relação aos docentes trans.

No que se alude ao corpo discente, os professores entrevistados relataram uma boa convivência com os/as jovens estudantes. Os depoimentos dos pesquisados evidenciam que os/as estudantes estão pouco preocupados/as com a sexualidade dos/as docentes. O que prevalece é a capacidade profissional e o respeito com que os docentes tratam seus alunos e alunas. Muitos também tiveram contato com estudantes LGBT, em especial, estudantes (trans) e lamentam não terem tido condições de ajudar estes/as jovens a enfrentarem os desafios e as dúvidas que se apresentavam à suas existências. Os entrevistados ressaltaram o papel da família como fundamental para destino desses estudantes (trans) que, na maioria das vezes era o abandono escolar.

É importante frisar que os homens (trans) docentes desta pesquisa superaram a impossibilidade de exercer a docência, entretanto, ocorre outra invisibilidade por não poderem demonstrar que são homens (trans) para minimizar o preconceito e o sofrimento no meio educacional. Entende-se que os professores e professoras tem uma posição hierárquica muito melhor que os estudantes, porém cabe lembrar que a transfobia sofrida por eles/elas não é menos cruel por isso.

O mergulho nas narrativas dos professores (trans) sobre suas vidas mostra a garra e a persistência que estes homens tiveram para seguir seus caminhos: vencer a transfobia, conseguir uma formação, ter sua identidade de gênero respeitada, adentrar e permanecer no mercado de trabalho, entre outras coisas. Tudo foi mais difícil, mas eles foram vencedores. A questão que nos cabe é quantos mais vão precisar passar pelas mesmas coisas? Quantos mais vão ficar pelo caminho? Um mundo ideal seria aquele, onde todos conseguissem ter uma vida estudantil saudável, ter suas identidades respeitadas e um mercado de trabalho que não exclua, mas entenda a diferença como algo enriquecedor para que possam conduzir suas vidas com dignidade.

O campo de estudos transmasculinos ainda tem muitas lacunas, das quais os entrevistados nessa pesquisa apontaram para falta de pesquisas e políticas públicas nas áreas que se referem ao serviço militar, campo esportivo e carcerário. No campo médico os homens (trans) sentem falta de estudos voltados para as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e paternidade, assim como os efeitos do uso prolongado do *binder* e hormônios no corpo. No campo *psi* estudos que abordem para além de transformações corporais as transformações psíquicas e a questão da depressão neste meio. Muitos dos homens (trans) entrevistados gostariam de estudos que falassem mais das pluralidades existentes, das constituições identitárias, das sexualidades dissidentes desses sujeitos que não são heterossexuais, mas homossexuais ou bissexuais, por exemplo. Por fim, estudos que pensem sobre direitos que se perdem e que se ganham e para além de apenas corpos genitalizados pensar outras possibilidades como mulheres com pênis e homens com vagina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513, jun. 2016.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades**: a emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

AVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. **O 'Y' em questão**: as transmasculinidades brasileiras. In: Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. p. 1-12.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 2008.

BOURCIER, Marie-Hélène. Technotesto: biopolitiques des masculinités tr(a)ns hommes. Cahiers Du Genre, n. 45, p. 59-84, jul/dez.. 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. In: **O Corpo Educado**. Pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, 3ª Ed. Civilização Brasileira, 2010.

CANTELLI, Andreia Laís; NOGUEIRA, Sayonara (Org.s) **Memórias e Narrativas das professoras travestis, mulheres trans e homens trans na educação**. Curitiba: IBTE, 2018.

CANTELLI, Andreia Laís. et. al. **As Fronteiras da Educação: a realidade dxs estudantes trans no Brasil**. Curitiba: IBTE, 2019

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de, **Perfil do Professor de Educação Básica**. Brasília, DF: INEP, 2018

CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. **Para Além do Gênero: mulheres e homens em engenharia e licenciaturas**. Estudos Feministas, Florianópolis, setembro/dezembro, 2016.

CONNELL, Robert William. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre. Vol.20, n. 2, 1995, p. 185-206.

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO E PROMOÇÕES DOS DIREITOS DE LESBICAS, GAYS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015**. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncdlgbt/resolucoes/resolucao-012>. Acesso em 29 de julho de 2018.

CORRÊA, Marilena Cordeiro Dias Vilella; ARÁN, Márcia. Tecnologia e normas de gênero: contribuições para o debate da bioética feminista. In **Revista Bioética**. 2008.

DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

DUQUE, Tiago. **Gêneros Incríveis**. (Tese de doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2013

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O Verdadeiro sexo in Herculine**: o diário de um hermafrodita, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade.** Ética, Sexualidade, Política. (org.) Manoel Barros da Mota. (trad.) Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANCO, Neil ; CICILLINI, Graça Aparecida. **Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização.** *Rev. Estud. Fem.*[online]. 2015, vol.23, n.2, pp.325-346.

FREITAS, Lucas Bueno de; CASAGRANDE, Lindamir Salete . “Era só de brincadeira!”: reflexões sobre bullying escolar e suas consequências. In: **Entrelaçando gênero e diversidade: violências em debate.** Curitiba: Editora UTFPR, 2016

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, em T. T. Silva: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**, Belo Horizonte, Autêntica, 2000

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.

HIRATA, Helena.; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. In **Cadernos de Pesquisa.** Vol. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

LEITE JUNIOR. Jorge. **“Nossos corpos também mudam”:** sexo, gênero ea invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. (Tese de doutorado). São Paulo: Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINELLI, Fernanda; QUEIROZ, Taya; ARARUNA, Maria Léo; MOTA, Bernardo. **Entre o e a Passabilidade: Transfobia e Regulação dos Corpos Trans no Mercado de Trabalho.** *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 9, n. 2, p. 348364, 2018. ISSN 21772886.

MISKOLCI, Richard . **Um Corpo Estranho na Sala de Aula**. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto. (Org.). *Afirmando Diferenças: Montando o Quebra Cabeça da Diversidade da Escola*. 1 ed. Campinas: Papyrus, 2005, v. 1, p. 13-26.

NERY, João Walter; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **Transhomens no ciberespaço**: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v.16, nº 2, p. 139-165, 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria et. al. **Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS)**. *Psicol. Reflex. Crit.* , 2009.

NOVAES, Regina. **Um olhar antropológico**. In: TEVES, Nilda. (org). *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus/FE. UFRJ, 1992.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro . **"Somos Quem Podemos Ser"**: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des) patologização da transexualidade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado em Ciências Sociais. 2015.

PINO, Nádía Perez. **A Teoria Queer e os Intersex**: experiências invisíveis de corpos des-feitos, *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf> Acesso em: 17/08/2018.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer**: notas para uma política dos "anormais". *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n.1, p. 11-20, jan.-abr. 2011.

PRECIADO, Paul Beatriz . **Testo Junkie**. N-1 edições: São Paulo, 2018.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **Viver e Esperar Viver**: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado em Antropologia Social. 2015

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; **Cartografias da Transexualidade**: a experiência escolar e outras tramas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Mestrado em Educação. 2010.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **Docência Trans***: entre a decência e a abjeção. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Doutorado em Educação. 2017.

SEFFNER, Fernando. 2003. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual.** Tese de Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre.

SILVA, Tomaz Tadeu . Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autemtica , 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer.** Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

REPOLÊS, Sofia Gonçalves; SOUZA, Érica Renata de. **Abrindo o guarda-chuva da diversidade:** o debate das transmasculinidades. In: Seminário América Latina: cultura, história e política, (anais eletrônicos) 2015, Uberlândia.

RIBEIRO, DJAMILA. **O que é o lugar de fala.** Belo Horizonte: Letramento. 2017

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. **Dispositivos de dor:** poderes que corformam as transexualidades. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

TORRES, Marco Antônio. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola:** heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas. 2012. 362f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2012.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. **Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders.** Educ. Real. [online]. 2014, vol.39, n.1, pp.201-220.

VERGUEIRO, Viviane. **Explorando Momentos de Gênero Inconforme:** Esboços Autoetnográficos. Anais do Desfazendo Gênero, Natal-RN, 2013.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade , Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC/SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: HOMENS (TRANS) DOCENTES: DA INVISIBILIDADE AS TRANSMASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO

Pesquisadora: Giseli Cristina dos Passos

Endereço: Rua: xxxxxxxxxxxxxxx

Telefones: (41) xxxxxxxxxxxxxxx / (41) xxxxxxxxxxxxxxx

E-mail: giselicpassos@gmail.com

Orientadora responsável: Lindamir Salete Casagrande

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa.

Cada vez mais se vê uma busca dos homens (trans) pela sua visibilidade dentro dos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e sua diferenciação de movimentos lésbicos e transfeministas. Quase não há no país um levantamento aprofundado sobre a população trans masculina, o reconhecimento das identidades de gênero desses sujeitos e de suas performances, à invisibilidade social e política enfrentada por eles, bem como às múltiplas formas e expressões de violência que os atingem diariamente.

2. Objetivos da pesquisa.

Objetivo Geral:

- Investigar como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência identificando tabus, desafios, obstáculos e conquistas que permeiam suas trajetórias profissionais. .

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produzir um mapeamento histórico do movimento transmasculino, desde o seu surgimento até os dias atuais, destacando os principais momentos em que a educação é tomada como pauta principal desses movimentos;

- Reconhecer as identidades de gênero desses sujeitos e de suas performances frente à invisibilidade social e política encarada por eles;
- Identificar os tabus, desafios, obstáculos e conquistas enfrentados por eles.;

3. Participação na pesquisa.

Sua participação na pesquisa será feita por meio de entrevista semiestruturada que será gravada e transcrita para a análise. Após a transcrição os arquivos de voz serão apagados.

4. Confidencialidade.

Todos os participantes da pesquisa terão seu nome mantido em sigilo. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados com fins exclusivamente acadêmico/científico.

5. Desconfortos, Riscos e Benefícios.

5a) Desconfortos e ou Riscos:

Os possíveis riscos aos pesquisados é de desconforto devido à demora da entrevista e de constrangimento diante de alguma pergunta que possa afetá-la psicológica e emocionalmente.

5b) Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa lhe são indiretos, pois se espera que com a realização da mesma, possa-se contribuir para a discussão e aprofundamento teórico e para ampliar o conhecimento acerca do tema.

6. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Os participantes têm a liberdade e direito de recusar ou retirar o consentimento para participação na pesquisa em qualquer etapa, assim como requerer qualquer esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa, sem sofrer nenhuma penalidade.

7. Ressarcimento ou indenização.

Esclarece-se que não há nenhum tipo de ressarcimento quanto a sua participação. No que se refere à indenização, essa será garantida conforme legislação vigente.

B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data _____ de

Nascimento: ___/___/___ Telefone: _____

Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____

Estado: _____

Data: ___/___/___

Assinatura

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Data: _____

Assinatura pesquisadora:

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Giseli Cristina dos Passos, via e-mail: giselicpassos@gmail.com ou telefone: (41) xxxxxxxxx.

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Apresentação (nome, idade, formação, religião, orientação sexual, endereço, raça/etnia, regime de trabalho, etc)
2. Conte-me sobre sua trajetória escolar. (Como era seu rendimento escolar? Em algum momento você interrompeu os estudos? Teve dificuldade em concluir a graduação?)
3. Fale-me sobre sua trajetória profissional. (O que te levou a escolher a docência?)
4. Como você teve acesso ao tema transexualidade?
5. Como foi a sua transição corporal? Quais as principais dificuldades e facilidades enfrentadas neste período?
6. Tem o nome e o gênero modificado nos documentos?
7. Como você vive a questão da passabilidade?
8. A comunidade escolar na qual você está inserido sabe que você é um homem (trans)?
9. Como foi a reação da comunidade escolar?
10. O que é ser um homem (trans) docente?
11. Você acredita que o fato de ser um homem (trans) criou (cria) alguma dificuldade para sua inserção e permanência no trabalho docente? Quais?
12. Por que você acha que tem menos professores (trans) em relação às professoras (trans)?
13. Você aborda questões de gênero e mais propriamente a questão da transexualidade com seus/suas alunos/as? Se sim, como?
14. A escola na qual você trabalha aborda a questão de gênero e sexualidade com os/as alunos/as? Se sim, como?
15. Você acredita que essa abordagem pode diminuir o preconceito contra a população LGBT?
16. Você tem contato com alunos/as transexuais?
17. Você acredita que a escola dispensa um tratamento diferenciado a meninas e meninos (trans)?
18. Quais lacunas ainda existem nos estudos sobre transmasculinidades?